

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
CURSO DE PSICOLOGIA**

**ANA LAURA TOLEDO LEIBAL
LARISSA ZUCCO GUAL**

**AS ESFERAS DA ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, COM
ÊNFASE NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM ESTUDO DE LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO**

**Ribeirão Preto
2020**

**ANA LAURA TOLEDO LEIBAL
LARISSA ZUCCO GUAL**

**AS ESFERAS DA ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, COM
ÊNFASE NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM ESTUDO DE LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de conclusão de curso de
Psicologia do Centro Universitário Barão
de Mauá para obtenção do título de
bacharel.

Orientador: Dr. Gelson Genaro

**Ribeirão Preto
2020**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E73

As esferas da atividade e terapia assistida por animais, com ênfase no contexto hospitalar: um estudo de levantamento bibliográfico/ Ana Laura Toledo Leibal; Larissa Zucco Gual - Ribeirão Preto, 2020.

82p.il

Trabalho de conclusão do curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dr. Gelson Genaro

1. Hospital 2. Psicologia 3. Terapia assistida por animais I. Leibal, Ana Laura Toledo II. Gual, Larissa Zucco III. Genaro, Gelson IV. Título

CDU 159.9

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

**ANA LAURA TOLEDO LEIBAL
LARISSA ZUCCO GUAL**

**AS ESFERAS DA ATIVIDADE E TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS, COM
ÊNFASE NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM ESTUDO DE LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de conclusão de curso de
Psicologia do Centro Universitário Barão
de Mauá para a obtenção do título de
bacharel.

Data de aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Dr. Gelson Genaro
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Christiane de Sá Martins Meirelles
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. Felipe de Souza Areco
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto
2020**

Estudo dedicado aos animais e à todas as pessoas envolvidas no trabalho de intervenções assistidas por animais (IAA).

AGRADECIMENTOS ANA LAURA

Agradeço em primeiro lugar à Deus, por ter me dado a oportunidade de estar aqui hoje elaborando este estudo e por ter me iluminado durante toda a jornada acadêmica de graduação, agradeço por ter colocado os animais em minha vida de maneira tão intensa e com muita sabedoria, fazendo-me despertar o interesse por este lindo tema que amei trabalhar. Agradeço ao meu companheiro humano, que à sua maneira singular e especial me apoiou durante todo o percurso, sempre me dando força e encorajamento em momentos de desespero.

Agradeço especialmente aos meus companheiros animais, que são compostos por três cães vira-latas, Preta, Thor e Tiquinho e três gatas, Cinzinha, Nina e Xanim, são os meus amores e contribuíram significativamente para o interesse sobre este tema ao me fazerem perceber o quanto me acalmavam e ofereciam acolhimento quando estava triste. Agradeço também à todos os animais, que com simplicidade e cautela conseguem demonstrar sem precisar usar palavras, o maior amor e cumplicidade que se pode esperar.

Agradeço ao meu orientador Gelson Genaro, que a todo momento esteve presente e disponível a ajudar com muita eficiência e conhecimento, sempre com respostas pontuais e com muito carisma, o que tornou todo o processo mais leve e tranquilo. Agradeço também à professora Alessandra Ackel Rodrigues, que ministrou as disciplinas “Pesquisa em Psicologia” e “Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso”, onde transmitiu conhecimentos essenciais com muita didática, que auxiliaram para a elaboração desta pesquisa.

Não poderia deixar de agradecer à bibliotecária do Centro Universitário Barão de Mauá Iandra Marcela Honorato Fernandes que também a todo momento esteve disponível para esclarecer dúvidas e orientar com muito carisma e empenho, tivemos a honra de assistir algumas aulas ministradas por ela que foram fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS LARISSA

Agradeço à minha família, especialmente minha mãe Silvana (IN MEMORIAN), que desde o começo me proporcionou coragem e força de vontade para seguir sempre em frente.

Agradeço à Deus, por concluir essa etapa em minha vida, me dando sempre perseverança, força de vontade e iluminando o meu caminho até chegar aqui.

Agradeço à minha avó Oscarlina, pessoa muito importante para mim que infelizmente não está presente nesse momento na conclusão de um ciclo, que de onde estiver estará sempre em meu coração. Aprendi muito com você!

Agradeço aos professores do curso e ao nosso Orientador Gelson Genaro, que esteve sempre exercendo seu papel e em cada detalhe mostrando sua dedicação e seus conhecimentos na elaboração do projeto. Aos integrantes da banca presentes, por aceitarem nosso convite e estarem neste momento nos prestigiando e avaliando.

Ao centro Universitário Barão de Mauá pela execução do curso de Psicologia.

“Podemos julgar o coração de um homem
pela forma como ele trata os animais”

(Immanuel Kant)

RESUMO

As intervenções assistidas por animais vem sendo cada vez mais difundidas no contexto da saúde e da educação. Os estudos demonstram que é um recurso que possibilita um olhar e tratamento humanizado frente à diversos tipos de demandas. Esta pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições das modalidades terapêuticas Terapia Assistida por Animais (TAA) e Atividade Assistida por Animais (AAA) para a melhoria da qualidade de vida dos assistidos, através da análise de cada esfera das modalidades, com ênfase no contexto hospitalar. Utilizou-se o levantamento bibliográfico, nas bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp) e Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). A base de dados Google Acadêmico também foi consultada. Após a leitura dos resumos e submissão dos mesmos aos critérios de inclusão e exclusão propostos, 35 estudos foram incluídos nesta análise. Os estudos foram categorizados em oito eixos temáticos, através da metodologia análise de conteúdo, sendo eles: “TAA e hospitalização”, “TAA e autismo”, “TAA e psicologia”, “AAA”, “equoterapia”, “bototerapia”, “delfinoterapia”, e “ictioterapia”. O eixo TAA e hospitalização teve a maior quantidade de trabalhos inseridos (13), devido ao enfoque do estudo no âmbito hospitalar. Os resultados demonstraram que as modalidades terapêuticas são eficazes para viabilizar relações interpessoais, quebra da rotina hospitalar, trazer alegria, afeto e amparo, ajuda no desenvolvimento da fala e em habilidades motoras, propicia maior adesão e engajamento ao processo de recuperação, fornece maior capacidade de resiliência, redução do estresse e da solidão. A interação com o animal estimula o aumento da produção do hormônio endorfina, ajudando na diminuição dos efeitos da depressão, da percepção de dor e diminuição da ansiedade. Auxiliam no tratamento de patologias e necessidades especiais, também foram identificados alguns fatores de riscos que podem ocorrer decorrentes ao contato com o animal co-terapeuta, como infecções e alergias. Conclui-se que as modalidades terapêuticas possuem diversos benefícios e muito pouco risco em comparação aos benefícios, o recurso deve ser aplicado somente a partir de protocolos padronizados de segurança, atualmente já existe uma quantidade significativa de estudos sobre a área, mas ainda demanda muito mais estudos para o reforço de sua cientificidade.

Palavras-chave: Hospital. Psicologia. Terapia assistida por animais.

ABSTRACT

Animal-assisted interventions are increasingly widespread in the context of health and education. Studies show that it is a resource that allows a humanized look and treatment in face of different types of demands. This research aimed to analyze the contributions of therapeutic modalities Animal Assisted Therapy (TAA) and Animal Assisted Activity (AAA) for improving the quality of life of those assisted, through the analysis of each sphere of the modalities, with emphasis on the hospital context. A bibliographic survey was used in the databases Scielo (Scientific Electronic Library Online), BDTD (Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations), SBU (Library System at Unicamp) and Pepsic (Electronic Journals in Psychology). The Google Scholar database was also consulted. After reading the abstracts and submitting them to the proposed inclusion and exclusion criteria, 35 studies were included in this analysis. The studies were categorized into eight thematic axes, using the content analysis methodology, which are: "TAA and hospitalization", "TAA and autism", "TAA and psychology", "AAA", "hippotherapy", "bototerapia", "delfinoterapia", and "ictioterapia". The TAA and hospitalization axis had the largest number of studies inserted (13), due to the focus of the study in the hospital environment. The results showed that the therapeutic modalities are effective to enable interpersonal relationships, break the hospital routine, bring joy, affection and support, help in the development of speech and motor skills, provide greater adherence and engagement to the recovery process, provide greater capacity for recovery. resilience, reducing stress and loneliness. The interaction with the animal stimulates an increase in the production of the endorphin hormone, helping to decrease the effects of depression, pain perception and decrease anxiety. Assist in the treatment of pathologies and special needs, some risks that may occur due to contact with the animal co-therapist, such as infections and allergies, have also been identified. It is concluded that the therapeutic modalities have several benefits and very little risk in comparison to the benefits, the resource should be applied only from standardized safety protocols, currently there is already a significant amount of studies on the area, but still it demands much more studies to reinforce its scientificity.

Keywords: Hospital. Psychology. Animal-assisted therapy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – deuses do Egito Antigo	19
Figura 2 – Figura encontrada nas cavernas Les Trois-Frères	19
Figura 3 – Animal sagrado na Índia	20
Figura 4 – Nise da Silveira	33
Figura 5 – Equoterapia	37
Figura 6 – Sessão de bototerapia no Amazonas	39
Figura 7 – Fluxograma de inclusão e exclusão dos artigos e trabalhos acadêmicos	52
Figura 8 – Representação conforme o ano de publicação	55
Figura 9 – Eixos temáticos elencados através da análise de conteúdo	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Artigos, trabalhos acadêmicos e livros incluídos no levantamento bibliográfico	53
Tabela 2 – Aspectos metodológicos dos estudos e livros incluídos no eixo TAA e hospitalização	57
Tabela 3 – Principais resultados e conclusões dos estudos e livros incluídos no eixo TAA e hospitalização	58
Tabela 4 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo TAA e autismo	61
Tabela 5 – Principais resultados e conclusões dos estudos incluídos no eixo TAA e autismo	62
Tabela 6 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo TAA e psicologia	63
Tabela 7 – Principais resultados e conclusões dos estudos e livros incluídos no eixo TAA e psicologia	64
Tabela 8 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo AAA (continua)	66
Tabela 9 – Principais resultados e conclusões do estudos incluídos no eixo AAA	67
Tabela 10 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo equoterapia	68
Tabela 11 – Principais resultados e conclusões dos estudos incluídos no eixo equoterapia	70

LISTA DE SIGLAS

AAA	Atividade Assistida por Animais
AAC	Atividade Assistida por Cães
A.C	Antes de Cristo
A/TAA	Atividade/Terapia Assistida por Animais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CARS	Childhood Autism Rating Scale
CEIP	Centro Educacional de Integração Paulista
CTI	Centro de Terapia Intensiva
DI	Deficiência Intelectual
DT	Delfinoterapia
EAA	Educação Assistida por Animais
EM	Esclerose Múltipla
IAA	Intervenções Assistidas por Animais
IAHAIO	International Association of Human-Animal Interactions Organizations
ICESP	Instituto do Câncer do Estado de São Paulo
INATAA	Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais
IMG	Idade Motora Geral
NE	Necessidades Especiais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PC	Paralisia Cerebral
PEPSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
QI	Quociente de Inteligência
RJ	Rio de Janeiro
SBU	Sistema de Bibliotecas da Unicamp
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
TAA	Terapia Assistida por Animais
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Algumas considerações acerca do processo de hospitalização	14
1.1.1 Crianças hospitalizadas	15
1.1.2 O familiar hospitalizado	15
1.1.3 Alguns desafios encontrados pela equipe médica	16
1.1.4 Possíveis recursos complementares	17
1.1.5 Diferenciações entre as terminologias atividade e terapia assistida por animais (A/TAA)	17
1.2 Breve histórico sobre a relação homem-animal	18
1.2.1 Os animais na atualidade	20
1.2.2 Histórico das modalidades terapêuticas mediadas por animais	21
1.3 A/TAA aplicada no âmbito hospitalar	23
2 ANÁLISE DE ESPÉCIES	29
3 IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA NA TAA	42
4 OBJETIVOS	48
4.1 Objetivo geral	48
5 MÉTODOS	49
5.1.1 Critérios de inclusão	50
5.1.2 Critérios de exclusão	50
6 JUSTIFICATIVA	51
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
7.1 Análise dos dados obtidos nos artigos, livros e trabalhos acadêmicos	55
7.1.1 Terapia assistida por animais e hospitalização	56
7.1.2 Terapia assistida por animais e autismo	61
7.1.3 Terapia assistida por animais e psicologia	62
7.1.4 Atividade assistida por animais	65

7.1.5 Equoterapia.....	68
8 CONTINUAÇÃO DA APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO - EIXOS TEMÁTICOS	71
8.1 Bototerapia	71
8.1.1 Delfinoterapia	71
8.1.2 Ictioterapia	72
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

O fato de uma pessoa estar hospitalizada muitas vezes é caracterizado por um momento difícil que irá gerar uma série de sentimentos negativos, como medo do desconhecido e de procedimentos invasivos, apreensão de estar em um ambiente que causa estranheza e preocupação com a sua integridade física (ORÍÁ; MORAES; VICTOR, 2004).

O processo de hospitalização envolve uma situação perturbadora na vida do indivíduo, ele implica em uma série de situações aversivas para o ser humano, como o afastamento social e familiar e o declínio da condição de estar saudável e produtivo para uma condição de enfermidade. Essas situações se tornam ainda mais delicadas e difíceis de manejar e enfrentar quando se trata da hospitalização de crianças, uma vez que irá acarretar em alterações no desenvolvimento infantil, mudanças na rotina de toda a família e consequências que podem se estender por toda sua existência, como a ansiedade (GOMES; FERNANDES; NÓBREGA, 2016).

1.1 Algumas considerações acerca do processo de hospitalização

Camon (1996) ressalta que a hospitalização também pode mobilizar no paciente algumas manifestações de ordem psíquica e comportamental que são decorrentes da relação que o paciente estabelece com a doença, com o tratamento e com a internação. As manifestações mais frequentes durante a hospitalização são culpa, negação, raiva, hostilidade, fantasias, fantasias mórbidas, frustração, impotência, insegurança, fracasso, regressão, dependência, conformismo, projeção, isolamento, desamparo, pânico, desconfiança, despersonalização, esperança, ambiguidade, estresse, agitação psicomotora, agressividade autodirigida e agressividade alo dirigida, medo real, medo fantasmático, comportamento fóbico, sensação de punição, sensação de abandono, limitação de atividades, conflitos quanto à privacidade, privação da liberdade, perda de autonomia, dentre outros.

Pesquisas indicam que quando há necessidade de internações em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e Centro de Terapia Intensiva (CTI) a mobilização de angústia e de pensamentos catastróficos podem ser ainda maior, comumente as pessoas atribuem um conceito culturalmente construído de que estes setores são extremos divisores entre a vida e a morte e que estar hospitalizado na UTI ou CTI pode ser

determinante para a morte, sendo uma fonte potencialmente geradora de pavor e fantasias que muitas vezes não condizem com a realidade (LEMOS; ROSSI, 2002).

1.1.1 Crianças hospitalizadas

Para a criança hospitalizada o cuidado em promover a minimização do sofrimento deve ser ainda mais minucioso, de acordo com as observações de Rossato e Boer (2002), os sentimentos negativos vivenciados pela criança hospitalizada muitas vezes são tão intensos que a criança não aceita vivencia-los, podendo externalizar esses sentimentos através da agressividade com todos que o cercam, incluindo também a equipe de saúde. A internação infantil pode ser extremamente traumática, a criança irá se encontrar restrita ao leito e na obrigação de adotar uma posição de passividade, vai precisar conviver com pessoas estranhas à sua volta em um ambiente desconhecido e cheio de sons e odores diferentes que são muitas vezes bastante aversivos, precisará encarar procedimentos invasivos e dolorosos de agulhas, cortes, cirurgias, medicações que ardem a pele, entre outros. Precisarão ainda lidar com o fato de estar longe de casa, dos amigos e da escola e para enfrentar todos esses desafios, a presença dos pais e/ou responsável afetivo é imprescindível durante o período de hospitalização da criança (OLIVEIRA; DANTAS; FONSÊCA, 2004).

1.1.2 O familiar hospitalizado

No familiar, o processo de hospitalização de um ente querido pode causar um sentimento ambíguo, por um lado sente-se gratificado ao ajudar e estar presente para apoiar, mas por outro lado, encontra-se em um momento de sensibilidade e fragilidade ao também vivenciar sentimentos de uma realidade desconhecida, assustadora, angustiante e repleta de incertezas. Comumente, pessoas hospitalizadas em decorrência de alguma enfermidade se deparam com o desamparo e com a solidão por não contar com o suporte familiar ou contar com o suporte de apenas um membro da família, o que é uma situação problema que poderá gerar pensamentos de abandono e/ou rejeição (BAPTISTA *et.al.*, 2012).

Um fator importante que muitas vezes acaba não sendo concretizado como deveria ser, devido à rotina corrida e procedimentos técnicos que devem ser aplicados rapidamente nos hospitais é o fornecimento adequado e completo da informação, uma

boa comunicação entre equipe e paciente pode amenizar a angústia. Os profissionais de saúde possuem a sua interpretação técnica sobre determinado quadro e sobre a doença e muitas vezes acabam não sendo bem compreendidos pelo paciente e pela família, o que pode contribuir para a manutenção do medo, da angústia e de pensamentos catastróficos que distorcem a realidade. Portanto, é fundamental que a equipe de saúde converse com uma linguagem acessível com o paciente e o familiar, considerando o significado cultural de determinada informação atribuído pelo paciente e família, visando eliminar algum viés que fique mal entendido e que poderá causar sofrimento desnecessário (LEMOS; ROSSI, 2002).

Frente às considerações supracitadas sobre o processo de hospitalização, pode-se observar que é um processo que mobiliza muitas questões, tanto para quem está vivenciando, quanto para quem está acompanhando. Portanto, entende-se que o indivíduo deve ser enxergado em toda sua complexidade, de maneira multifacetada em um viés biopsicossocial. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como o mais completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de enfermidade, está é uma visão integral de saúde que corrobora para que os profissionais estejam cada vez mais conscientes da necessidade de promover às pessoas um cuidado integral e humanizado no contexto hospitalar (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

1.1.3 Alguns desafios encontrados pela equipe médica

Frequentemente as equipes de saúde se deparam com a necessidade da elaboração de estratégias que auxiliem no enfrentamento e diminuição do trauma da hospitalização para o paciente, familiares e até mesmo para a própria equipe. Estratégias que irão comportar iniciativas singulares que devem proporcionar momentos descontraídos e de alegria, orientado pela saúde e não pela doença, os especialistas além de bons técnicos devem saber ouvir e desenvolver uma visão global através da observação sistemática, buscando facilitar o bem-estar biopsicossocial e espiritual. Tornar o processo de hospitalização o mais agradável possível, buscando a humanização nas ações para que a pessoa em processo de adoecimento tenha vontade de aderir ao tratamento indicado e consiga enfrentar o momento de forma mais amena e descontraída (BAPTISTA *et.al.*, 2012; BUSSOTTI

et.al., 2005; CRIPPA; FEIJÓ, 2014; KOBAYASHI, 2009; LEMOS; ROSSI, 2002; ORIÁ; MORAES; VICTOR, 2004).

1.1.4 Possíveis recursos complementares

Com este propósito de humanização e busca por estratégias que sejam eficazes para estimular as pessoas a se sentirem mais felizes e descontraídas em momentos de tratamentos invasivos e dolorosos ou para ajudar no desenvolvimento de alguma função que precise ser estimulada, um recurso complementar que tem sido cada vez mais utilizado em hospitais nacionais e internacionais é a Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Atividade Assistida por Animais (AAA). Atualmente os animais ocupam um papel importante na vida humana, eles possuem as mais diversas funções, sendo treinados como guardiões, para acompanhamento ou atuando como companheiros de estimação (CRIPPA; FEIJÓ, 2014).

1.1.5 Diferenciações entre as terminologias atividade e terapia assistida por animais (ATAA)

É importante ter conhecimento e saber diferenciar TAA de AAA, apesar de ambas contarem com animais como mediadores do processo, existem algumas diferenças que devem ser descritas para um entendimento adequado do campo de atuação das modalidades terapêuticas. A TAA consiste em um modelo de terapia que possui metas e planos de tratamento específicos e delimitados para os pacientes, neste modelo devem haver registros contínuos e documentados sobre a evolução do paciente, registros da duração e data das visitas que devem ser previamente agendadas sistematicamente. Esta modalidade sempre é mediada por um profissional de saúde, sendo eles médicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros (CHELINI; OTTA, 2016).

Diferentemente da TAA, a AAA é um recurso que visa a promoção da qualidade de vida do paciente, mas não conta com a supervisão de um profissional de saúde para intermediar o contato com o animal e não requer um planejamento e monitoramento sistemático, seus resultados não devem necessariamente serem avaliados. Consiste em um modelo mais casual e recreativo, sem metas físicas e rígidas que devem ser seguidas sistematicamente para se alcançar um resultado, não

há necessidade de registros da evolução do paciente, sendo um recurso mais casual que não delimita metas a serem alcançadas e não possui esquema fixo (CHELINI; OTTA, 2016).

Os termos atividade e terapia assistida por animais foram empregados somente em 1996 pela Delta Society (organização localizada nos Estados Unidos que investiga a relação homem-animal) que tem como objetivo promover a melhora da saúde humana, autonomia e qualidade de vida com o auxílio de animais. Muitos profissionais da saúde já introduziam animais na sua prática clínica anteriormente à esta definição e padronização das terminologias, que foi fundamentalmente necessária para se referir às modalidades terapêuticas, pois acabavam sendo referidas de maneira aleatória e banalizada, não havendo uma regra, o que tornava-se um obstáculo para sua divulgação e credibilidade. Esta situação levou investigadores e técnicos da saúde a chegarem a um consenso da necessidade da padronização dos termos, regras, normativas e requisitos para a aplicabilidade segura e correta deste recurso terapêutico complementar (CHELINI; OTTA, 2016).

1.2 Breve histórico sobre a relação homem-animal

A presença de animais de variadas espécies na vida dos seres humanos existe em todas as épocas da história, o uso de animais para benefício humano é uma prática que acontece desde os primórdios da humanidade, nas antigas civilizações a.C. Em cada época e local da história, os animais desempenhavam uma função distinta, no Egito Antigo por exemplo, os animais como gatos, serpentes, crocodilos e cães eram tidos como deuses e objeto de adoração suprema, a sociedade egípcia sempre foi politeísta, adorando deuses de diversas naturezas, que eram representados na forma humana e animal. Conforme apresentado por CAETANO (2010), essas criaturas divinas eram fontes que remetiam à esperança, proteção e valores, através das figuras dos deuses semi-humanos o povo egípcio acreditava que a humanidade poderia alcançar a evolução espiritual e a perfeição, podendo almejar a vida eterna.

Figura 1 – Deuses do Egito Antigo.



Fonte: (GOOGLE, 2020).

Conforme citado por Melo (2019), em diversas civilizações o homem idealiza lendas utilizando a fauna e a flora, lendas que sejam compatíveis com seu imaginário representativo do que são os deuses, suas características e atributos, adotando formas distintas de venerá-los, um extremo significado místico e religioso no qual os animais sempre estiveram presentes. Nas cavernas de Lascaux na França, foi encontrado pelo pesquisador Henri Édouard Prosper Breuil um desenho de grande representação do deus principal para uma específica civilização pré-histórica, estima-se que a figura seja dos anos 18.000 a 16.000 antes da era cristã.

É um homem - isso é certo. Mas é algo mais. Tem pernas e os pés de ser humano, mas as orelhas de veado e olhos de coruja, uma barba longa e grosseira cai no queixo até o peito. Dois chifres lindamente lavrados se projetam na sua cabeça. Suas mãos se assemelham às patas de um urso. O tronco musculoso e as coxas pertencem a um antílope ou a uma gazela (ASLAN, 2018, p. 26 apud MELO, 2019, p. 36).

Figura 2 – Figura encontrada nas cavernas Les Trois-Frères.



Fonte: (MELO, 2019).

Segundo Campos Neto (2009), em se tratando da Índia, disseminado em todo território indiano, os hindus possuem como crença a reencarnação e por este motivo a maioria que segue a doutrina do hinduísmo adotou a prática vegetariana, aderiram a prática pois acreditam de que todo ser vivo faz parte do mesmo Espírito e os animais devem ser tratados com respeito assim como os humanos. Particularmente a vaca é a representação da mãe-terra e a fertilidade do solo e é considerada sagrada no Hinduísmo, na Antiga Índia os animais eram sacrificados em rituais, exceto as vacas leiteiras. Este atributo corroborou para que as vacas fossem sendo cada vez mais valiosas, até chegarem ao nível de serem consideradas como sacerdotes.

Figura 3 – Animal sagrado na Índia.



Fonte: (GOOGLE, 2020).

É possível observar através do breve relato anterior que a relação homem-animal se dá de diferentes formas, a depender da cultura e momento da história, a concepção de animal incorpora funções e papéis diferentes. Conforme retratado por Silva (2011), os cães foram a primeira espécie a ser domesticada, o cão doméstico é descendente de lobos, arqueólogos inferem que a cerca de 14.000 anos atrás começaram a se distinguir dos lobos. Retratado também por Fuchs (1987 apud CAETANO, 2010), a domesticação ocorreu a partir de um lobo que adquiriu características mais dóceis no contato com humanos e acabou sendo utilizado como ajudante na caça e como protetores das cavernas. Os lobos e os cães são animais criados em família e quando separados das famílias de origem, os seres humanos entram como novas figuras de afeto e autoridade.

1.2.1 Os animais na atualidade

Nos dias de hoje, os cães assim como outros animais estão fortemente presentes na vida das pessoas e na cultura, estão inseridos dentro das residências e foram aprendendo a conviver em união com os seres humanos, assim como os seres humanos também foram aprendendo a conviver com os animais. Segundo Caetano (2010), esta proximidade trouxe vantagens, se tornaram companheiros em uma troca mútua de respeito e cumplicidade, podendo os animais auxiliar os seres humanos em diversas situações.

1.2.2 Histórico das modalidades terapêuticas mediadas por animais

A partir desta relação de cumplicidade, lealdade, amor e respeito na relação homem-animal, nas últimas décadas houve um importante interesse acadêmico-científico na compreensão de como essa relação pode beneficiar pessoas que necessitam de cuidados especiais, pessoas com distúrbios cognitivos ou emocionais, crianças, adultos e idosos, para despertá-las para uma interação prazerosa, acolhedora e única de simplicidade e afeto, podendo ser potencialmente terapêutico. Em decorrência deste interesse surgiram as Intervenções Assistidas por Animais (IAA), que engloba de maneira ampla todas as formas de utilizar os animais para alguma finalidade terapêutica, sendo elas: atividade assistida por animais, terapia assistida por animais e educação assistida por animais (AAA, TAA e EAA) (ICHITANI; CUNHA, 2016).

A instituição *International Association of Human-Animal Interactions Organizations* (IAHAIO) é uma instituição americana que busca produzir conhecimento para avanço do campo da interação homem-animal e atua para cada vez mais tornar a prática da IAA cientificamente atualizada e com possibilidade de ampliação em todas as suas possibilidades (ICHITANI; CUNHA, 2016).

O presente estudo irá dar enfoque para o seguimento atividade assistida por animais (AAA) e para o seguimento terapia assistida por animais (TAA) que já foram definidas e diferenciadas anteriormente.

A TAA teve seu primeiro registro no ano de 1792, na Inglaterra, em um centro denominado *York Retreat*, uma instituição para deficientes mentais e foi introduzida por William Tuke, onde os pacientes cuidavam de animais. Em 1830, em um hospital inglês denominado *Bethel*, alguns programas de caridade começaram a perceber que os animais proporcionavam uma atmosfera mais leve para os pacientes com doenças mentais. Em Bethel, na

Alemanha, no ano de 1867, os animais eram utilizados em uma clínica de pacientes epiléticos, onde os mesmos auxiliavam no tratamento desses pacientes. Em 1944 a 1945, a Força Aérea Americana utilizou cães, cavalos e animais de fazenda nos programas terapêuticos para a reabilitação de soldados (DOTTI, 2014 apud ROVARIS; LEONEL, 2018, p. 346).

Conforme Pereira, Pereira e Ferreira (2007), no Brasil, a precursora do recurso terapêutico mediado por animais foi a médica psiquiatra e psicanalista Nise da Silveira, no início da década de 50, na qual realizou trabalhos com pacientes esquizofrênicos. Mencionado também por Garcia e Botomé (2008), os trabalhos da Dra. Nise da Silveira foram realizados em Engenho de Dentro (RJ), no hospital psiquiátrico Dom Pedro II, foram os primeiros trabalhos no Brasil com uso de animais para fins terapêuticos.

Boris Levinson, psiquiatra infantil, em 1962 nos Estados Unidos foi o precursor da modalidade terapêutica TAA, validou-a através da observação, descrição e avaliação dos benefícios que a terapêutica pode trazer para os seres humanos, o tema de seu primeiro artigo foi: “O cão como co-terapeuta” (ROVARIS; LEONEL, 2018).

Atualmente, a literatura esboça uma alta gama de artigos e publicações que versam sobre a A/TAA em diversos contextos, desde a área da educação até a área da saúde, os estudos buscam ampliar e disseminar o conhecimento já produzido na área e a possibilidade de produzir novos conhecimentos acerca deste recurso. Embora sejam muitos estudos publicados sobre o tema na atualidade, ainda são escassos para o reforço de sua cientificidade. Na IAA são utilizados os mais diversos animais como co-terapeutas, animais que possam entrar em contato com o ser humano sem fornecer riscos, como o furão, o peixe, a tartaruga, o gato, o coelho, o hamster, o pássaro, a chinchila e até mesmo animais exóticos como a iguana (MUÑOZ, 2014).

Conforme Pereira, Pereira e Ferreira (2007), a espécie mais utilizada para esta intervenção são os cães, o animal deve estar devidamente acompanhado por treinadores com formação adequada e que atuem de maneira conjunta com outros profissionais, no intuito de garantir o desempenho das tarefas e alcance dos objetivos para os assistidos. Para que todo o processo de visitas a hospitais e/ou instituições seja realizado da melhor forma existem alguns protocolos que devem ser seguidos com rigor, é necessário que o animal seja supervisionado todo o tempo por seu condutor, todas as pessoas que participarem da interação com o animal devem lavar

as mãos antes e depois do contato. É importante manter o animal longe de secreções, vômitos, urina e feridas e não é permitido dar alimento ao animal.

A TAA é contraindicada em casos em que o paciente apresente alergias, problemas de respiração, medo de animais, feridas abertas, pacientes com baixa resistência, animais com zoonoses, além de pessoas com comportamento agressivo que podem machucar os animais. Acresce a isso, a necessidade de um controle rígido de infecção e zoonoses que pode ser realizado pela equipe de controle de infecção do hospital junto à equipe responsável pela terapia e um veterinário (PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2007, p. 64).

1.3 A/TAA aplicada no âmbito hospitalar

Em 2018 foi promulgada a Lei nº 16.827, que autoriza a entrada de animais em hospitais públicos no estado de São Paulo, a permissão está condicionada à normas e procedimentos que devem ser seguidos, sendo eles:

Art. 2º Os animais de estimação para visita deverão estar com vacinação em dia e higienizados, devendo o responsável comprovar, por meio de laudo veterinário, a boa condição de saúde do animal.

§ 1º A entrada do animal dependerá da autorização da comissão de infectologia do hospital.

§ 2º Os animais deverão estar em recipiente ou caixa adequada e, tratando-se de cães e gatos, deverão estar em guias presas por coleiras e, se necessário, enforcador e focinheiras.

Art. 3º Os hospitais criarão normas e procedimentos próprios para organizar o tempo e local de permanência dos animais para visita dos pacientes internados.

§ 1º A presença do animal se dará mediante a solicitação e autorização do médico responsável pelo paciente, observado o disposto no § 1º do art. 2º.

§ 2º A visita dos animais deverá ser agendada previamente na administração do hospital, respeitando a solicitação do médico e critérios estabelecidos por cada instituição.

§ 3º O local de encontro do paciente com o animal ficará a critério do médico e da administração do hospital.

Art. 4º As despesas recorrentes da execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas, se necessário (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018, p.1).

A TAA e AAA são intervenções que vem sendo cada vez mais difundidas dentro dos hospitais como recurso terapêutico complementar, visto que possibilitam um viés importante de humanização. Seu principal objetivo é proporcionar à toda equipe, pacientes e familiares um momento de quebra da rotina hospitalar, possibilitando uma atmosfera de calor humano durante as atividades diárias para encorajar as relações interpessoais, desenvolver a fala e habilidades motoras, motivar o paciente a participar de sua recuperação e também estimular a memória (SILVEIRA; SANTOS; LINHARES, 2010). “Investigações têm demonstrado que as sessões de TAA com cães

e crianças hospitalizadas facilitaram a socialização, distração durante procedimentos dolorosos, companhia e lembranças de casa durante o processo de hospitalização” (KOBAYASHI, 2009, p. 634).

Kobayashi (2009) continua citando outros benefícios que as intervenções podem trazer aos pacientes hospitalizados, como a experiência do estímulo sensorial do tato com a interação dos animais pode recuperar a auto-estima, a sensibilidade e a reintegração à sociedade. Possibilitam descontração do clima hospitalar tenso, diminuição do sentimento de solidão, melhora nas relações interpessoais, melhora na adesão do tratamento e proporcionam benefícios de cunho emocional e espiritual.

O trabalho realizado por Kawakami e Nakano (2002) consistiu na visitação de quatro instituições que realizam o trabalho de TAA, sendo uma instituição especializada em educação especial, outra que abriga idosos abandonados ou sem família, outra que oferece assistência a crianças de todo o Brasil com câncer que estejam em tratamento em São Paulo e uma última instituição que abriga crianças soro positivo para HIV. Em seu trabalho de observação, as pesquisadoras observaram que os animais sempre estavam acompanhados de seu tutor e os que não estavam com os tutores estavam acompanhados de um adestrador, mas tinham liberdade de andar por todo local. Foi observado um comportamento muito positivo de todos os participantes, independentemente da idade, os animais traziam alegrias e sorrisos, disposição, interação facilitada e abertura para comunicação com outras pessoas, até mesmo com a equipe. Relataram:

Alguns voluntários disseram possuir dificuldades de abordar outra pessoa e que, com o animal, essa dificuldade era vencida, pois o animal lhes passava segurança. Percebemos que alguns pacientes esperavam pela visita ansiosos, e que a maior carência emocional existia em idosos e em adêcticos, pois ambos foram abandonados ou não tinham família. Vimos nas pessoas deprimidas pela solidão um sorriso verdadeiro, nas crianças castigadas pelo tratamento a disposição de crianças saudáveis, e pessoas com distúrbios genéticos variados superarem suas limitações por causa dos animais. Foi uma experiência além de interessante, muito marcante para nós (KAWAKAMI; NAKANO, 2002, p. 6).

Outra pesquisa realizada pelos pesquisadores Vaccari e Almeida (2007) em um hospital pediátrico teve como objetivo compreender o significado da experiência com animais, neste caso os cães, para crianças em processo de hospitalização. Participaram da pesquisa 13 crianças com idade entre três e seis anos, sendo a maioria do sexo masculino, a participação de todas as crianças na pesquisa foi autorizada por seu responsável legal, as crianças precisavam estar hospitalizadas em média por três dias como critério de inclusão.

Em um primeiro momento, para estabelecer e fortalecer um vínculo entre os pacientes, foi aplicada uma atividade lúdica que consistia na confecção de um desenho livre com as crianças participantes antes da chegada dos animais. As crianças recebiam a visita dos cães em um primeiro momento em seus quartos, exceto as que estavam em isolamento, o contato se dava com um cão no colo de cada criança e em seguida, os co-terapeutas e os participantes da pesquisa eram direcionados para a sala de recreação onde lá as crianças ganhavam a liberdade de manusear, acariciar e alimentar os cães com alimento apropriado (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Os resultados desta pesquisa demonstraram algumas categorias de significados atribuídos à interação por cães, sendo elas: demonstração de alegria e prazer no contato com o animal, maior facilidade de interação com a equipe e crianças, alívio da dor e desconforto por meio da experiência com os animais, maior adesão ao tratamento e colaboração nos procedimentos. Vivenciaram momentos descontraídos e alegres e puderam, mesmo que por pouco tempo, esquecer os traumas da hospitalização, expressando-se mais facilmente (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Duas crianças não puderam participar plenamente da pesquisa devido os responsáveis estarem receosos de que as crianças adquirissem alguma doença, colocando restrições no tempo da experiência, esta restrição evidencia uma outra categoria de significados, o medo dos responsáveis de o animal poder transmitir algum tipo de doença às crianças, mesmo cientes das normas e regras de higiene rigorosamente seguidas para que seja possível a prática da interação com os animais dentro do ambiente hospitalar, assim como em todos os outros ambiente que é aplicada (VACCARI; ALMEIDA, 2007).

Rocha (2015) ressalta que o tratamento mediado por animais pode melhorar em grande escala a qualidade de vida durante a hospitalização, no caso da AAA, pacientes ao terem a oportunidade de rever seu animal de estimação, mesmo que pela última vez para pacientes fora de condições terapêuticas, é um potente canalizador de sentido e ressignificação do adoecimento e da vida.

Rocha (2015) realizou um estudo com o objetivo de observar os efeitos da A/TAA em três pacientes internados diagnosticados com doenças oncológicas, inicialmente foram selecionados os participantes e realizado a aplicação de alguns instrumentos de avaliação aos mesmos, em seguida, foi questionado aos participantes se desejavam receber a visita de seu animal de estimação e se seria possível a família trazê-lo, o animal obrigatoriamente deveria estar saudável (seria necessário a

comprovação por declaração veterinária), e deveria passar por alguns critérios de seleção. Após os três pacientes receberem a visita de seu animal de estimação, os resultados encontrados foram melhora no equilíbrio do estado psicológico dos pacientes e dos familiares, melhora na qualidade de vida e mais força no enfrentamento, houve um ganho na capacidade de resiliência, redução do estresse, do isolamento e da dor.

A troca de afeto com os animais pode trazer lembranças do lar e de momentos agradáveis, outra pesquisa realizada pelos pesquisadores Moreira *et.al.* (2016) em um hospital destinado ao diagnóstico e tratamento de câncer infanto-juvenil consistiu na aplicação de TAA na brinquedoteca do hospital. Durante as visitas o cão não aceitava alimentos, não fazia necessidades no hospital e obedecia os comandos de seus condutores. As crianças podiam interagir livremente com os cães, acariciar, brincar e tirar fotos.

A análise dos dados obtidos demonstrou que os familiares e a equipe de saúde consideraram que o processo possibilitou maior adaptação ao contexto hospitalar, redução do trauma e ansiedade inerentes à internação, perceberam também que as crianças e adolescentes se mostraram mais sociáveis com a equipe e com os outros. Foi um potente mediador de interação social e de bem estar neste processo extremamente difícil que é o tratamento do câncer, permeado de muito sofrimento (MOREIRA *et.al.*, 2016).

O estudo de caso que será mencionado a seguir buscou avaliar os efeitos da AAA aplicada a uma participante pré-adolescente de 13 anos, portadora de leucemia linfocítica aguda, teve seu diagnóstico aos 10 anos e ficou internada na época para fazer a quimioterapia e radioterapia, apresentando evolução no tratamento. Entretanto, após um período de tempo, a paciente apresentou recidiva da doença, fato que ocasionou sua internação por 46 dias. A hospitalização implicou em uma série de complicações e um quadro depressivo, a jovem paciente passou internada o período de seu aniversário, o natal e o ano novo, sempre acompanhada de uma expectativa grande de receber alta e ir para casa, oscilando com seu quadro clínico inconstante que piorava a cada dia. Diante de toda a situação e do quanto a paciente estava sensível emocionalmente, em um determinado momento fez um pedido, solicitou a visita de um amigo muito especial que dizia estar com muitas saudades, esse amiguinho era sua cachorrinha Danny, a paciente ganhou a cachorrinha quando estava em tratamento em seguida de ser diagnosticada com leucemia linfocítica

aguda e houve um laço muito forte entre as duas, após tanto tempo internada e vivenciando uma séria de situações traumáticas e dolorosas, a jovem sentiu vontade de encontrar sua cachorrinha e fez o pedido. “Sua mãe referia que a escolha da raça e do nome da cachorrinha, muito havia contribuído para a recuperação e motivação de C. K. mantendo-a cada vez mais alegre e otimista” (BUSSOTTI *et.al.*, 2005, p. 196).

O pedido foi acatado e a mãe da paciente resolveu levar a cachorrinha até o hospital de maneira a fazer uma surpresa, para que isso fosse possível, precisou seguir algumas orientações rigorosamente, sendo elas:

Vacinação em dia, bom estado de saúde do animal, vermífugos em dia, banho do cão no dia de visita, acondicionamento adequado para transporte, lavagem rigorosa das mãos da criança e família após manipular o animal, utilização de luvas para limpeza em caso de excrementos durante a visita; e após a saída do animal, limpeza do quarto e troca da roupa da criança e da cama (BUSSOTTI *et.al.*, 2005, p. 197).

Ao encontrar-se com sua companheira fiel, a paciente não pôde conter as lágrimas nos olhos e começou a pronunciar o nome da cachorrinha repetidas vezes com um largo sorriso no rosto, euforia que foi retribuída pela cachorrinha que ficou muito agitada e feliz ao encontrar sua dona, a cena levou profissionais que estavam ao redor a também se emocionar. A visita durou aproximadamente uma hora e de acordo com a percepção da mãe foi extremamente bom para sua filha, relatou:

Quando recebeu a notícia seu ânimo apareceu; que só fez bem ao seu emocional e a todo tratamento que foi tão bem sucedido; foi emocionante ver ambas felizes; parece que as coisas começaram a melhorar; sua resistência começou a subir; os dias que antecederam a vinda da cachorra causaram em C.K. uma grande alegria; seu comportamento melhorou muito; ficou muito, muito, muito feliz; valeu a pena ver o sorriso voltar no rosto da C.K.; pela 2ª vez este animal chamado Danny teve um grande significado na vida da minha filha; um animal de estimação é o melhor efeito que uma terapia pode alcançar (BUSSOTTI, *et.al.*, 2005, p. 200).

Alguns dias após a visita da cachorrinha, a paciente encerrou seu ciclo vital, deixando uma reflexão e uma lição de como cada vez mais é necessário melhorar e humanizar os recursos que estão disponíveis para cuidar com carinho e afeto, as equipes de saúde devem estar constantemente atentas às necessidades de cada indivíduo que vivência o enfrentamento de alguma enfermidade (BUSSOTTI, *et.al.*, 2005).

A pesquisa realizada por Ichitani e Cunha (2016) buscou avaliar o efeito da AAA na sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados. Participaram 17 pacientes com idade a partir de sete anos, internados com queixa de dor, foram utilizados dois cães para a AAA, sendo eles um de porte grande e outro de porte

pequeno, foi uma pesquisa de caráter quantitativo/qualitativo e através da aplicação de escalas foi possível avaliar o antes e depois da intervenção. Os cães foram inicialmente introduzidos ao ambiente hospitalar para se acostumarem com a rotina, odores em geral e ruídos através de duas visitas semanais (uma com cada cão) com duração de 30 minutos, as visitas de introdução eram acompanhadas de um enfermeiro responsável e colaborador. O protocolo de coleta de dados aconteceu de maneira bastante objetiva e direta, visando ocupar somente o tempo necessário, a coleta foi realizada em quatro etapas distintas, na primeira etapa o responsável pelo paciente era convidado a se retirar do quarto do paciente para que todo o procedimento pudesse ser esclarecido e explicado para o responsável e para que fosse possível obter a autorização para a execução da pesquisa. Em seguida, a pesquisadora entrava no quarto sem o cão e dava início à segunda etapa que era destinada à aplicação da escala numérica de dor à criança ou adolescente, a escala busca quantificar o quanto a pessoa está sentindo dor naquele momento em uma escala de zero a 10. A terceira etapa consistiu na aplicação da AAA que durou em média de cinco a 10 minutos, as atividades foram escolhidas pelo paciente e a pesquisadora buscou interferir o mínimo possível, deixando a interação livre. Por fim, a quarta e última etapa foi destinada à reaplicação da escala de dor, após o término da sessão, sem o cão estar presente.

Os resultados demonstraram que houve efetividade na intervenção do cão quanto à redução da dor, diminuindo de maneira significativa a sensação de dor, o que pontua o quanto é importante a continuidade de novas produções científicas na área (ICHITANI; CUNHA, 2016).

2 ANÁLISE DE ESPÉCIES

2.1 Cães

O cão é o animal mais utilizado para a A/TAA devido a seu temperamento dócil e fácil socialização, é também um animal facilmente adestrado que possui alta capacidade de compreensão e fidelidade ao humano, foi a primeira espécie animal a passar pela domesticação. O contato com cães como terapeutas pode oferecer alguns benefícios que vão além dos tratamentos convencionais, tais como: melhora na comunicação, (o fato de nomear os filhotes ou chamar os animais pelo nome são exercícios fonoaudiólogos que auxiliam no desenvolvimento da fala de maneira prazerosa), melhora no desempenho motor (acariciar, jogar bola, pentear e interagir com o cão é um excelente provedor de coordenação de movimentos) (MUÑOZ, 2014).

Outros benefícios são: redução dos riscos de problemas cardíacos, controle do estresse e diminuição da pressão arterial, a interação com o animal estimula o aumento do nível de endorfina, o que ajuda a diminuir também os efeitos da depressão, auxilia na distração do ambiente pesado que hospitais possuem ajudando na diminuição da percepção da dor e ansiedade, melhora as relações interpessoais, o que é extremamente benéfico principalmente a pessoas portadoras do espectro autismo e melhora a relação com a equipe médica (MUÑOZ, 2014).

Um estudo realizado por Rodrigues (2016) teve como objetivo analisar o impacto da atividade assistida por cães AAC no desenvolvimento da consciência sensorio-cognitiva e na interação socioafetiva em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a metodologia do estudo consistiu na utilização de 10 crianças portadoras de TEA em grau leve e moderado que passaram pela AAC em oito sessões semanalmente. Os resultados indicaram que pelo menos sete das crianças tiveram os níveis de cortisol reduzido, o que indica também diminuição dos níveis de agressividade e estresse, a equipe envolvida na pesquisa relata o quanto foi surpreendente o fato de que algumas crianças no início não estavam muito interessadas em interagir com o animal e ao decorrer das sessões foi se abrindo e se permitindo vivenciar o momento de maneira alegre, emitindo sorrisos, falas, gestos e olhares de felicidade, consideraram que o oitavo encontro (onde as crianças já

estavam adaptadas com os cães) foi o melhor de todos, onde já havia se estabelecido uma relação de afeto.

Os pais das crianças relataram que os filhos evoluíram bastante no comportamento em casa e na superação de medos. Este estudo possibilitou evidenciar o quanto a terapia mediada por animais pode ser um recurso complementar (não isolado) extremamente eficaz para crianças com TEA e possibilitou uma linha de pensamento para a implementação da prática na instituição onde o trabalho foi realizado (RODRIGUES, 2016).

2.1.1 Cães guia e cães de assistência

O cão, além de excelente co-terapeuta desempenha outros diversos papéis na sociedade como o de cão-guia, o animal pode ter alta influencia na vida de pessoas portadoras de deficiência visual, atuando como ótimos amigos e trabalhadores. Ajudam na orientação quanto ao tempo de percurso, aprendem a evitar obstáculos, promovem segurança ao se movimentar, mobilidade, frequência nas saídas de casa para interação social, na qualidade de vida e inclusão. Há também o cão de assistência, que é devidamente treinado para auxiliar pessoas com as mais variadas deficiências a realizar tarefas que aumentem sua funcionalidade e autonomia (BADALO, 2014).

2.1.2 Cães de alerta

Outro papel desempenhado pelos cães é o de cão de alerta, estudos comprovam que doentes epiléticos com convulsões que não respondem a tratamentos convencionais podem beneficiar-se com os cães de alerta, alguns cães atuam de forma inata na detecção com antecedência da ocorrência de uma convulsão e conseguem emitir comportamentos de resposta que podem ser reforçados através do treino. “As fêmeas e animais adultos apresentam mais frequentemente comportamentos de alerta/resposta. Talvez as cadelas sejam mais atentas e a natureza lhes tenha concedido maior aptidão para “cuidar” das crianças tal como fazem com as suas crias” (REGADO, 2008, p. 46).

2.2 Gatos

O uso de felinos na modalidade A/TAA não é comum em comparação ao uso do cão. Ainda hoje, as pessoas possuem um estigma de que os gatos são animais incontroláveis, agressivos e animais que possuem problemas de comportamento. Entretanto, muitas vezes, são apenas padrões de comportamento da própria espécie mal interpretados pelos humanos, existe um período chamado de socialização primária dos gatos domésticos que ocorre entre duas a nove semanas de vida e quando este período é adequadamente trabalhado, existem grandes chances de se ter um felino com melhor qualidade de vida e melhora nos padrões comportamentais em relação ao contato com humanos (QUEIROS, 2017).

2.2.1 Gatos enquanto co-terapeutas

Os primeiros trabalhos com gatos como terapeutas no Brasil tiveram como precursora a psiquiatra Dr. Nise da Silveira, em seu livro “Gatos, a emoção de lidar” Nise esboça seu amor e apreço pelos felinos e relata pontos importantes sobre a história dos gatos. No Egito Antigo, a deusa gata Bastet representada por corpo de mulher e cabeça de gata era uma das divindades adoradas pelo povo egípcio, a deusa Bastet portava em uma de suas mãos a cabeça de uma leoa, esta cabeça lhe dava o poder de metamorfosear-se em leoa, assumindo um aspecto feroz ao incorporar o papel de leoa e um aspecto dócil e amoroso ao incorporar o papel de gata, ambos simbolizavam as mudanças emocionais do gênero feminino. No entanto, esta posição de devoção e adoração aos felinos acabou por transformar-se em perseguição com a chegada do Cristianismo, os felinos devido suas inúmeras qualidades e habilidades singulares passaram a ser ligados à feiticeiras e bruxas e sofreram um período de perseguição durante a Idade Média, sendo condenados até mesmo a serem executados em fogueiras (SILVEIRA, 1998).

Entre 1946 e 1974, Nise da Silveira atuava como Terapeuta Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II, localizado em Engenho de Dentro (RJ), no seu trabalho estava sempre buscando aprimorar os métodos, trazer criatividade e emoção para as atividades ocupacionais e para os doentes psiquiátricos. Um fato que ocorreu em um dia no Centro que Nise relata foi bastante sensível e deve ser apreciado por sua riqueza de descoberta, um rapaz que frequentava a Terapia Ocupacional certo dia se

deparou com um pedaço de veludo estendido na mesa de uma sala feminina e pediu permissão para pegar este pedaço de veludo para que pudesse confeccionar um gato, ao receber um sim como resposta começou a trabalhar com o veludo, transformando-o na figura de um gato. Ao manipular o material, o rapaz proferiu palavras que expressavam e traziam à tona a grande emoção em lidar com o animal entre as mãos, dizendo que era muito macio! (SILVEIRA, 1998).

Este episódio e a expressão “emoção em lidar” corroboraram para a substituição do título pesado Terapêutica Ocupacional, a partir de então Nise iniciou um grandioso trabalho dentro da instituição com felinos como co-terapeutas. Seu principal propósito era levar afeto àquelas pessoas solitárias aos quais muito poucas vezes recebiam uma palavra ou gesto amigo de qualquer ser humano (SILVEIRA, 1998).

Nise relata que a inserção dos felinos dentro da instituição foi um período difícil, vislumbrava os benefícios que trazia para os doentes, mas sofria com a resistência ao desenvolvimento do novo projeto. Nise contou com o apoio e com o encorajamento por cartas de Boris Levinson, psicanalista e psiquiatra americano que já realizava trabalhos com animais co-terapeutas em seu país, o mesmo mostrou-se perplexo com a situação de envenenamento, expulsão e morte dos animais que estava acontecendo no Brasil e em uma de suas cartas relatou: “Sem dúvida, para muitos desses doentes, os animais eram sua única linha de vida para a saúde mental” (SILVEIRA, 1998, p. 53).

Nise contou também com o apoio e encorajamento do pesquisador da Universidade do Estado de Ohio, prof. S. Corson que enviou-lhe os resultados de uma pesquisa desenvolvida com esquizofrênicos e cães, na qual buscou com extremo rigor estabelecer princípios e limites no uso de animais co-terapeutas. Nos resultados desta pesquisa, apenas dois entre 30 participantes não obtiveram melhora em seu quadro (SILVEIRA, 1998).

Figura 4 – Nise da Silveira.



Fonte: (SILVEIRA, 1998).

2.3 Cavalos

A modalidade de TAA mediada por cavalos como co-terapeutas é denominada Equoterapia, se trata de um recurso terapêutico complementar que trabalha com uma visão global do desenvolvimento, buscando a promoção de qualidade de vida biopsicossocial, por este motivo é necessário que seja aplicado por uma equipe interdisciplinar. É um recurso que pode ser utilizado nos mais diversos contextos, como na área da saúde aplicada a portadores de necessidades físicas especiais, sensoriais e/ou mentais, no âmbito educacional para indivíduos com necessidades educativas especiais e também no contexto social, aplicada a pessoas com distúrbios evolutivos e/ou comportamentais, bem como para pessoas que tenham sofrido algum acidente que tenha deixado sequela (s). O grande diferencial deste método terapêutico é o contato com o cavalo e o contexto de atuação fora do ambiente comum (SILVA; GRUBITS, 2004).

A cavalgada associada a atividades de equitação exige um esforço físico de todo o corpo, o que contribui para o desenvolvimento global do indivíduo, o deslocamento do cavalo em seu passo provoca um movimento tridimensional em seu dorso. Conforme Silva e Grubits (2004, p. 8) ressaltam que quando o movimento tridimensional ocorre:

Há deslocamentos segundo os três eixos conhecidos (x,y,z), ou seja, para cima e para baixo, para frente e para trás, para um lado e para o outro. Tal movimento é transmitido ao cavaleiro pelo contato de seu corpo com o do

animal, gerando movimentos complexos de rotação e translação. O passo do cavalo, que determina uma ação tridimensional de seu dorso e a repetição desses movimentos de 1 a 1,5 por segundo, proporciona entre 1.800 a 2.250 ajustes tônicos em meia hora, que é o tempo médio de duração de uma sessão de equoterapia. Esse ajuste tônico ritmado resulta em uma mobilização osteoarticular que determina um número impressionante de informações proprioceptivas. Esse sistema promove as percepções (propriocepção), consciente e inconsciente das diferentes partes do corpo.

Outro ponto importante que seja estabelecido uma relação harmoniosa entre animal e praticante, uma vez que o bom vínculo entre ambos é um dos precursores para que se possa atingir os benéficos que se almeja com a equoterapia, é fundamental também que haja uma escolha adequada do cavalo de cada praticante, considerando altura, temperamento e comportamento, para que atendam às necessidades de cada um. O trabalho terapêutico só é realizado com cavalos devidamente condicionados para exercer as atividades, seu comportamento precisa ser estudado, pois qualquer alteração comportamental advinda se deu desgaste e/ou insatisfação, mesmo que pequena a alteração, também pode comprometer os resultados que se almeja alcançar (PEREIRA *et.al.*, 2018).

A equoterapia pode ser aplicada em pessoas de todas as idades desde que não possua nenhuma contra-indicação e os resultados são dos mais variados para cada situação, uma pesquisa realizada objetivou avaliar a equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em indivíduos da terceira idade, o estudo foi realizado com 10 participantes com faixa etária de 60 a 74 anos do sexo feminino. Para análise do equilíbrio estático utilizou-se o Estabilômetro AccuSway Plus. Os resultados indicaram que naturalmente pessoas da terceira idade possuem alterações no equilíbrio e correm um alto risco de quedas, o uso da equoterapia mostrou-se eficaz para a melhora do equilíbrio das pessoas da amostra submetidas à pesquisa, diminuindo a possibilidade de queda e corroborando para a melhor qualidade de vida dos idosos (TOIGO; JÚNIOR; ÁVILA, 2008; ARAUJO *et.al.*, 2011).

A intervenção se mostra eficaz também para crianças portadoras de Síndrome de Down, outro estudo realizado objetivou avaliar o comportamento angular do andar de crianças com Síndrome de Down após intervenção com equoterapia, o método contou com três participantes do sexo masculino com idade média de 7,3 anos e para a análise utilizou-se o Sistema Peak Motus. Os resultados evidenciaram alterações acentuadas, significativas e positivas na articulação do tornozelo para todos os sujeitos, na articulação dos joelhos foram identificados diferenças em momentos distintos do ciclo de avaliação, não apresentando uma tendência observável. Conclui-

se que a aplicação do recurso dentro do período avaliado promoveu alterações positivas no comportamento angular da articulação do tornozelo, mas teve pouco efeito sobre a articulação do joelho (COPETTI *et.al.*, 2007).

A equoterapia se mostrou eficaz também para auxiliar no desenvolvimento psicomotor de crianças com indicativos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o que foi possível observar em um estudo exploratório que teve como participantes cinco crianças com indicativo de TDAH, com idade entre sete e 10 anos. Foram 24 sessões individuais com duração de 30 minutos cada, onde foi desenvolvido um trabalho de educação/reeducação com equoterapia, todos os participantes obtiveram avanços na idade motora geral (IMG) e os benefícios se mostraram estatisticamente significantes, todas as crianças obtiveram evolução psicomotora o que comprova que a intervenção promove ganhos multifatoriais (BARBOSA; MUNSTER, 2014).

Os estudos que investigam os benefícios da equoterapia evidenciam sua eficiência até mesmo na estabilidade postural de portadores de Esclerose Múltipla (EM), a adaptação funcional proporcionada pela intervenção foi capaz de melhorar significativamente a estabilidade postural de portadores da doença (MENEZES *et.al.*, 2013).

Straling (2016), em seu estudo confirma o que a literatura aponta sobre melhora na qualidade de vida de crianças e adolescentes com Paralisia Cerebral (PC) através da equoterapia, foram localizados avanços importantes dos componentes funcionalidade de estrutura e função do corpo, ganhos no controle postural, funções motoras grossas como correr, saltar e caminhar e melhora no equilíbrio em crianças e adolescentes portadoras de PC, além de benefícios nos aspectos psicológico e social, promovendo maior qualidade de vida.

Outro estudo muito importante e interessante consistiu na avaliação do recurso terapêutico aplicado em uma única participante do sexo feminino de três anos e seis meses portadora de disfunção neurológica meningoencefalocele occipital. A meningoencefalocele conforme Monteiro *et.al.*, (2006) consiste na herniação do tecido neural através de uma falha óssea causada pelo fechamento incompleto do neuroporo na terceira semana do desenvolvimento, o tratamento através da equoterapia consistiu na aplicação de 18 sessões com duração de 40 minutos cada e objetivou avaliar o efeito do tratamento na condição motora e funcional da criança. Os resultados foram identificados sob aplicação de escalas antes e após o tratamento,

mostraram que houve melhora no equilíbrio estático, ganho de habilidades, como levantar sem suporte com olhos fechados, levantar sem suporte com pés juntos, movimentar-se para trás, para os lados e para cima para enxergar em giro 360°, substituição de peso em pé sem suporte e levantar sem suporte com um pé à frente. No campo da funcionalidade houve benefícios na coordenação motora grossa e fina, a mãe da participante relata mudança positiva na área de autocuidado (higiene pessoal) e mobilidade da criança, bem como ganhos também na função social, onde apresentou melhora na comunicação. Estes grandes ganhos foram decorrentes ao “melhor controle intestinal, melhora nas transferências no carro, locomoção em ambiente externo, no subir e descer escadas, em espaços físicos internos e externos” (SANCHES; VASCONCELOS, 2010, p. 360).

A atuação da prática se desvela como eficiente nos mais diversos casos, a equoterapia além de uma intervenção terapêutica na área da saúde é também um recurso que pode ser utilizado na área educacional, uma vez que o processo educativo não é restrito ao ambiente escolar, mas ocorre em vários cenários. Um estudo de caso relata os efeitos da intervenção aliada à pedagogia, o trabalho foi realizado com um participante do sexo masculino com idade de cinco anos que possui diagnóstico de Síndrome de Dandy Walker e teve duração de um mês. O objetivo do tratamento era a associação da equoterapia com a pedagogia, através do uso de atividades como movimentação da escrita, pintura, reconhecimento de letras e outras visando que a criança conseguisse desempenhar a função na qual estava tendo dificuldade que era identificar e associar as letras “P, G e D”. A intervenção contou com oito encontros com duração de uma hora cada encontro, onde nos primeiros 30 minutos eram dedicados à equoterapia e os outros 30 minutos finais dedicados ao encontro da criança uma sala na qual eram aplicados atividades concretas da pedagogia focadas no reconhecimento das letras “P, G e D” (CARLOS; DOMINGUES, 2015).

Após as sessões foi possível avaliar que a junção da equoterapia com o processo de aprendizagem trouxe resultados positivos, pois tornou o processo mais prazeroso, interessante, lúdico e a criança pôde se sentir mais relaxada. A interação com o cavalo e com a natureza promoveu sensações que favoreceram a aquisição de novos conhecimentos que no caso do participante foi crucial para auxiliá-lo em sua dificuldade específica, a criança conseguiu obter avanços significativos em seu desenvolvimento, evidenciando que a equoterapia aliada a um bom tratamento e força

de vontade pode ser um potente plano de tratamento que chega a resultados muito positivos (CARLOS; DOMINGUES, 2015).

Figura 5 – Equoterapia.



Fonte: (GOOGLE, 2020).

2.4 Golfinhos

Um dos trabalhos que é desenvolvido na modalidade terapia assistida por golfinhos é chamado bototerapia, a bototerapia consiste na utilização do mamífero aquático boto-cor-de-rosa (nome científico *Inia geoffrensis*) como mediador do processo terapêutico e é realizada no habitat natural dos animais, de maneira a não prendê-lo ou submetê-lo a qualquer situação de risco, o animal permanece em sua plena liberdade. O recurso conta com um cenário totalmente diferenciado, possui seus fundamentos nos princípios físicos da água como por exemplo hidrostática, empuxo, pressão, flutuação, entre outros. Estes aspectos em junção com o potencial lúdico que a presença do boto-cor-de-rosa proporciona fornece a possibilidade de um ambiente terapêutico para o tratamento das mais variadas patologias como a Síndrome de Down, Paralisia Cerebral, Autismo, entre outras. Os estudos sobre o tema ainda são escassos, o início desta modalidade terapêutica foi em 2005 – relativamente recente – e foi difundida por um fisioterapeuta chamado Igor Simões Andrade, não existem registros da realização desta atividade em outras regiões, somente no estado do Amazonas (SIQUEIRA, 2016).

2.4.1 Objetivo da bototerapia

O objetivo é estimular as crianças, que são submetidas a procedimentos invasivos e dolorosos como por exemplo a quimioterapia a enfrentar o processo de tratamento convencional de maneira mais leve, trazendo um viés de alegria e emoção, para que seja prevenido também o abandono do tratamento. A bototerapia pode ser utilizada em crianças com algum distúrbio psicomotor, com problemas sanguíneos, crianças com algum grau de depressão ou outro distúrbio mental e/ou do desenvolvimento, entre outros (SIQUEIRA, 2016).

No entanto, os custos para que este trabalho possa ser desenvolvido são relativamente altos. A realização da bototerapia no Amazonas é sustentada por uma organização filantrópica que depende de doações e patrocínios, onde são atendidas de maneira gratuita crianças de baixa renda encaminhadas por serviços de saúde públicos, entretanto, caso haja a solicitação de atendimentos particulares que não sejam encaminhados por serviços públicos, mas que sejam atendimento de pessoas com condições de arcar com os custos do tratamento, é cobrado o transporte, a alimentação e a diária do terapeuta (SIQUEIRA, 2016).

2.4.2 Implicações positivas e negativas da bototerapia

A realização deste trabalho têm demonstrado que estão implicados aspectos positivos e negativos, analisando os pontos positivos pode-se concluir que a bototerapia conseguiu promover um novo olhar para o animal, um olhar mais cuidadoso que valoriza e entende a importância desta espécie que tem o potencial terapêutico de melhorar a qualidade de vida de muitas crianças, uma vez que a espécie já esteve ameaçada de extinção, outro ponto muito positivo e importante é que na bototerapia não é permitido fornecer qualquer alimento para o animal para atraí-lo, o que corrobora para a preservação da saúde do animal e para uma atuação que respeita o boto em seu habitat, dentro dos limites éticos. Sem contar os inúmeros benefícios terapêuticos que apresenta, podendo se desdobrar em um tratamento eficaz para a melhora biopsicossocial das crianças assistidas. Atualmente são escassas pesquisas que versem sobre a bototerapia em si que foi inspirada especificamente na delfinoterapia, prática de terapia com golfinhos de água salgada que possui uma quantidade maior de pesquisas, o que indica que ainda pode ser mais aprofundada e melhor analisada (SIQUEIRA, 2016).

Em contrapartida, alguns pontos negativos que se pode considerar é que a bototerapia é uma organização filantrópica que precisa de doações e patrocínios que nem sempre atingem os valores necessários para se sustentar, depender somente destes recursos financeiros se torna um problema que dificulta a sua perpetuação. A escassez de estudos na área também é um ponto negativo, pois não se consegue mensurar certamente e cientificamente os riscos envolvidos tanto para a saúde humana quanto para a saúde do animal, bem como a falta de fiscalização e acompanhamento veterinário periódico que atenda às necessidades dos botos, o que deve ser melhorado com o aperfeiçoamento da prática e aprofundamento teórico que irão trazer mais credibilidade para a mesma e maior esclarecimento para os usuários e para a comunidade (SIQUEIRA, 2016).

Figura 6 – Sessão de bototerapia no Amazonas.



Fonte: (GOOGLE, 2020).

2.5 Delfinoterapia

A delfinoterapia (DT) também chamada de Terapia Assistida por Golfinhos é um recurso complementar terapêutico que utiliza os golfinhos de água salgada como mediadores do processo de tratamento que vem sendo utilizada para tratar pessoas com necessidades especiais, necessidades educativas especiais e também no âmbito de tratamento psicomotor, desenvolvimento emocional, dentre outros problemas sociais de saúde. Os golfinhos desempenham um excelente papel como co-terapeutas, uma vez que possuem grande afinidade pelos seres humanos. Entretanto, nem sempre a prática é realizada por profissionais da saúde especializados, existem locais onde os próprios treinadores dos golfinhos executam a aplicação, sem obter

conhecimentos específicos e necessários sobre as necessidades especiais ou sobre a patologia em si. Este acontecimento se dá devido a atividade não ser devidamente regulamentada, não havendo necessidade de certificação profissional para que a seja executada (LOPES, 2010).

2.5.1 Implicações positivas e negativas da delfinoterapia

Para que o processo de DT seja realizado, os golfinhos são retirados de seu habitat e mantidos em cativeiros, o que causa preocupações éticas e ecológicas também devido aos impactos que a interação humano golfinho pode trazer para os golfinhos, os animais devem ser preservados em sua integridade física e psicológica e não é o que acontece quando os golfinhos são retirados do mar. A retirada dos golfinhos do mar acontece de maneira brusca e muitos acabam morrendo no ato da retirada ou no transporte, a indústria nacional de cativeiros de golfinhos pregam a ideia de que os animais são felizes e vivem com qualidade de vida, mas não possuem a percepção de que eles sofrem fisiológica e psicologicamente para entretenimento dos humanos e ganhos financeiros (LOPES, 2010).

Está é uma prática que muitos veem como um contato mágico, realmente, o contato com os golfinhos sensibiliza muitas pessoas. Mas, considerando as questões de mantê-los em cativeiro sob condições de exploração e abusos nos faz pensar que entre defender o tratamento de pacientes com necessidades especiais ou portadores de alguma patologia com golfinhos nestas condições e defender a espécie animal pode-se considerar que a preservação da espécie e da liberdade dos golfinhos deve ser prioridade, uma vez que os humanos possuem outros inúmeros recursos de tratamentos complementares que não coloquem a vida do animal em risco (LOPES, 2010).

2.5.2 Peixes

A ictioterapia consiste em um processo terapêutico que conta com peixes de água doce (*Garra rufa*) como mediadores do processo, os peixes alimentam-se da pele que se descama, mas não afeta a pele saudável, o que leva a uma rápida redução das escamas que tanto incomodam sem prejudicar nem causar danos. Atualmente existem pouquíssimos estudos sobre a área, o único estudo encontrado nas bases de

dados estudadas versa sobre a ictioterapia aplicada a um estudo de caso de um homem de 35 anos portador da doença psoríase, a psoríase consiste em dermatose que apresenta evolução crônica com lesões que podem atingir boa parte da superfície corporal. A exposição das manchas na pele podem causar danos emocionais significativos, o portador da doença pode se sentir envergonhado e rejeitado pelo outro, com baixa autoestima e percepção distorcida da autoimagem, através de um viés estigmatizante, o que pode ocasionar impacto nas relações sociais e afetar diretamente a qualidade de vida do doente. O tratamento para a psoríase envolve a redução do número e da gravidade das lesões através de fototerapia, terapêutica tópica e/ou sistêmica e também pode contar com a ictioterapia como alternativa complementar ao tratamento, atualmente existem vários centros de tratamento localizados em Portugal (CABRAL; CARNEIRO, 2014).

O estudo de caso relatado por Cabral e Carneiro (2014) é de um homem de 35 anos que apresenta psoríase do tipo grave, acometido por lesões em 60% de seu corpo, o quadro foi diagnosticado na infância. Apresentava-se refratário a múltiplas terapêuticas e já mostrava-se bastante desanimado com seu estado clínico, desacreditando de possíveis futuras terapias que pudessem surtir efeito positivo, até que em um centro comercial teve contato com a ictioterapia e mostrou-se interessado em conhecer, começou o tratamento no seguimento e após cinco sessões de ictioterapia (dentro de um tanque com todo o corpo submerso) com aplicação tópica simultânea de calcipotriol e betametasona foi possível verificar melhora com redução das escamas esbranquiçadas e diminuição do prurido. Houve também avanço no quadro de desesperança, melhoria significativa do humor ao mostrar-se satisfeito com os resultados provisórios do tratamento, sem os efeitos colaterais como o uso de medicação pode causar. Entretanto, se faz necessário mais estudos científicos na área para que se possa medir a possibilidade de que os peixes possam expor a pessoa ao risco de infecções.

3 IMPLICAÇÕES DA PSICOLOGIA NA TAA

A TAA é um recurso complementar que conta com o apoio de vários profissionais da saúde (multidisciplinar), entretanto, em se tratando do profissional psicólogo ainda são bastante escassas produções acadêmicas que versem especificamente sobre este profissional na área, a maior parte das publicações científicas sobre o tema ainda são voltadas para o modelo médico. Porém, a utilização de cães para a modificação do comportamento de pessoas se mostra um recurso complementar que diz respeito à área da psicologia, uma vez que se trata de um fenômeno psicológico (GARCIA, 2009).

Um subcampo de atuação da psicologia destinado a atividades mediadas por animais é a psicoterapia com apoio de cães, o recurso surge como uma possibilidade de intervenção com relação às necessidades sociais diversas, a utilização de cães para auxiliar na mudança/modelagem do comportamento de pessoas tem sido cada vez mais aderida dentro do contexto clínico (consultório) e também para diversos outros ambientes conforme já vimos até aqui (asilos, escolas, prisões, hospitais), buscando atender a diferentes tipos de demandas e necessidades (GARCIA, 2009).

3.1 Estudos acerca do uso da TAA mediada por psicólogos

No campo do psicodiagnóstico, a pesquisa realizada por Castro (2011) menciona a utilização de cães no tratamento de crianças enlutadas, teve como objetivo compreender as implicações da inserção de um cão co-terapeuta no processo psicodiagnóstico realizado com crianças enlutadas, foi um estudo qualitativo interpretativo que contou com o recurso da literatura do apego, do luto e da TAA. Para a coleta de dados foi utilizado o método de entrevista semiestruturada com a mãe e com a criança entrevistas lúdicas apropriadas para sua idade, contando com uma devolutiva para a mãe.

O estudo de caso refere-se a uma criança do sexo masculino de sete anos de idade M., que perdeu o pai com câncer havia um período de um ano, período este relativamente recente na elaboração do luto, principalmente para uma criança que perdeu um de seus genitores. A mãe do participante teve conhecimento da pesquisa de avaliação psicodiagnóstica através de sua psicóloga, ela estava preocupada com

o filho devido a ter percebido mudanças em seu comportamento na escola, mudanças essas que estavam coincidindo com a aproximação do primeiro aniversário do falecimento do pai, a mãe sentiu-se interessada em levar o filho para participar da pesquisa, o participante preencheu os critérios de inclusão e teve sua participação liberada. As sessões estavam programadas para cinco encontros, mas houve a necessidade de se expandir para seis encontros, uma vez que a criança não estava preparada para o término, o animal co-terapeuta escolhido foi um cão que atende pelo nome de Balú e preenchia aos critérios necessários para um co-terapeuta (CASTRO, 2011).

O participante M. de sete anos estava vivenciando algumas mudanças de comportamento acentuadas na escola, em um episódio chegou a jogar um pote de vidro na sala de aula sem saber explicar posteriormente o motivo pelo seu ato, outro episódio, foi quando jogou uma pedra para o alto, aparentando estar bastante distraído segundo a professora, ocasionando a quebra de um vidro, a mãe relata também que o filho estava bastante esquecido e após o falecimento do pai havia se tornado muito introspectivo. Estes comportamentos dizem respeito à reações de luto que crianças apresentam: hostilidade, distração, dificuldade de concentração e introspecção (CASTRO, 2011).

A primeira sessão com o paciente M. para a entrevista lúdica foi tranquila, conforme Castro (2011), ele reagiu bem ao distanciamento da mãe, apresentou-se sociável, mas também bastante tímido na primeira sessão que não contou com a presença do cão terapeuta, já na segunda sessão que contou com a presença do animal, houve uma mudança visível, onde M. apresentou-se mais solto e descontraído, interagindo de maneira bastante segura, brincando e dirigindo as atividades. O participante foi progressivamente incluindo a terapeuta nas brincadeiras, após passar por momento em que estava interagindo somente com o cão, transitou para momentos em que Balú estava roendo um osso no canto da sala e M. estava brincando sem a participação do cão, alternando para momentos de interação com ambos. “A presença do cão atua como um catalisador do processo de ambientação da criança, facilitando o entrosamento com o terapeuta, ambiente e a abordagem dos assuntos relativos ao processo de avaliação psicodiagnóstica” (CASTRO, 2011, p. 91).

Na terceira sessão lúdica, M. trouxe fotos do pai, conforme solicitado na sessão anterior pela psicóloga que trouxesse algum objeto que o lembrasse, a terapeuta recorreu a este recurso para que fosse possível viabilizar uma forma de aproximação

do tema a ser abordado, a perda do pai. Nesta sessão, o cão atuou como facilitador para que M. pudesse sinalizar seu limite em falar sobre seus sentimentos com relação à perda do pai, através de Balú a criança conseguiu demonstrar que gostaria de brincar de outra coisa, ao dizer que o cão estava com vontade de brincar de outra coisa, atribuindo seu desejo ao animal. À partir desta atividade, várias outras se sucederam ao transcorrer do processo, atividades lúdicas que atuaram como facilitadoras da interação e de projeção dos sentimentos de M. para o animal que foram potencialmente terapêuticas (CASTRO, 2011).

Ao final do processo psicodiagnóstico, M. pede mais um tempo para que pudesse se despedir de Balú, tempo este que foi concedido em mais uma sessão e foi essencial para o rompimento do vínculo entre a criança, a terapeuta e o co-terapeuta. Houve certa dificuldade por parte de M. em se despedir de Balú, dificuldade esta que foi trabalhada ao longo da finalização do processo, um acontecimento bastante interessante que deve ser ressaltado ocorreu na última sessão lúdica, onde M. fez um desenho demonstrando como foi para ele estar ali e a terapeuta propôs que Balú também fizesse um desenho para M. de presente, M. aceita e ao ser questionado se gostaria de levar o desenho para casa ou deixar ali relata que gostaria de leva-lo (fato que está relacionado com o desejo de M. de levar consigo a experiência de contato com o animal) e então a terapeuta relata que vai ajudar Balú a confeccionar o desenho, convidando M. a participar na escolha das cores. Posteriormente as mãos de M., da terapeuta e a pata de Balú foram pintadas com carimbo e então todos deixaram sua marca em uma folha de papel. Em um primeiro momento a criança relata que não gostou da posição que sua mão ficou, e então fizeram novamente, desta vez M. decide colocar as duas mãos no papel e a pata de Balú em outra folha, permitindo que o animal escolhesse sua cor e então a terapeuta também escolhesse a sua cor e carimbasse com suas duas mãos em uma terceira folha, os três em folhas separadas (CASTRO, 2011).

O fato de M. sentir a necessidade de coordenar como seria registrado o momento denota o significado de que havia uma necessidade de controle da situação dolorosa: a separação de M. com a psicóloga e o co-terapeuta Balú, podendo organizar-se internamente e se preparar para a quebra do vínculo com o fim dos atendimentos. “Vale acrescentar que algumas fotos foram tiradas no momento da despedida, à pedido da criança. Após, M. consegue ir embora, visivelmente tranquilo e seguro, na companhia da mãe” (CASTRO, 2011, p. 99).

Na devolutiva com a mãe, a mesma se antecipa relatando que M. amou muito o processo e principalmente o contato com a Balú, suas considerações corroboram para a compreensão de que a TAA possui componentes terapêuticos e deve ser mais aprofundada (CASTRO, 2011).

Outro estudo realizado teve como objetivo avaliar o nível de sociabilização no comportamento da criança/adolescente portador de Deficiência Intelectual (DI) em TAA, o estudo contou com um total de 46 participantes, sendo eles 20 pacientes de ambos os gêneros crianças e adolescentes, com idade entre seis e 16 anos, 20 pais e/ou responsáveis e seis terapeutas, para a realização do estudo foram aplicadas 12 sessões de TAA em uma organização filantrópica de assistência social, o animal escolhido para este estudo foi o cão (VIVALDINI, 2011).

A DI consiste em um transtorno associado ao neurodesenvolvimento, a pessoa portadora da deficiência apresenta algumas dificuldades acentuadas no domínio social, no funcionamento intelectual como o raciocínio, planejamento, pensamento abstrato e resolução de problemas, apresenta déficits no desenvolvimento psicomotor, na aprendizagem acadêmica e no estabelecimento de vínculos afetivos (VIVALDINI, 2011).

A Deficiência Intelectual pode ser caracterizada por um Quociente de Inteligência (QI), inferior a 70, média apresentada pela população conforme padronizado em testes psicométricos, ou por uma defasagem cognitiva em relação às respostas esperadas para a idade e realidade sociocultural (VIVALDINI, 2011, p. 14).

O estudo realizado pela psicóloga Vivaldini (2011) contou com a aplicação de Escalas padronizadas, como a Escala Achenbach Behavior Checklist, a Escala de Achenback e entrevistas semi-dirigidas com os pais e/ou responsáveis, buscando nortear a coleta de dados. O procedimento consistiu na reunião dos participantes em grupos que frequentavam as sessões semanalmente por 30 minutos em horário fixo, o grupo precisava ter como membro (s) a quantidade de no mínimo um e no máximo seis participantes, foram 12 sessões de observação não participante do processo de TAA. “A observação dos grupos em atendimento acontece em sala designada, com poucos estímulos sensoriais, com cadeiras, mesa, seguindo padrões exigidos pela vigilância sanitária, tais como pia e recursos de higienização rigorosos” (VIVALDINI, 2011, p. 33).

A psicóloga pesquisadora responsável pelo estudo ressalta que a atividade não expôs os participantes a nenhum tipo de risco à sua integridade física, moral ou social,

pois mesmo se tratando da utilização de animais na atuação, os mesmos estavam constantemente acompanhados dos adestradores, que se mostraram muito rigorosos quanto à segurança dos participantes (VIVALDINI, 2011).

Os resultados demonstraram que o cão propiciou um ambiente lúdico que auxiliou para que os participantes se sentissem mais motivados. Conseguiram obter maior interação e atenção, a convivência promoveu um espaço facilitador da adesão aos tratamentos prescritos, permitiu que se desenvolvessem imaginando, fantasiando, resolvendo conflitos, construindo regras e novas realidades, foi sobretudo uma intervenção extremamente rica que promoveu maior qualidade de vida ao grupo participante, principalmente pelo fato das crianças/adolescentes com DI terem dificuldades na socialização, o cão foi um importante mediador de interação de maneira descontraída (VIVALDINI, 2011).

Através da pesquisa realizada pela pesquisadora psicóloga Lacerda (2014) foi possível investigar potenciais efeitos benéficos da utilização de um animal em sessões terapêuticas sobre o comportamento dos participantes da pesquisa portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em atendimentos de terapia ocupacional. O projeto de pesquisa contou com a colaboração do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, do Centro Educacional de Integração Paulista (CEIP), do Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo e do Instituto Nacional de Ações e Terapias Assistidas por Animais (INATAA), foi uma pesquisa que envolveu uma equipe interdisciplinar, contando com psicólogo, terapeuta ocupacional, veterinários e uma bióloga. Foram 20 participantes, entre eles crianças/adolescentes portadores de TEA onde foram selecionados através dos critérios de exclusão possuir alergias e/ou doenças que podem ser desencadeadas pela presença de animais e também possuir algum trauma envolvendo cães, ou possuir medo na presença de cães.

A atividade contou com a aplicação dos instrumentos Escala de Traços Autísticos e a *CARS-Childhood Autism Rating Scale*, buscando estabelecer objetivos de tratamento para cada participante. O processo terapêutico que duraria 20 sessões para cada participante foi composto por quatro cães terapeutas e antes do início das atividades, os condutores e os co-terapeutas foram visitar o local, afim de promover maior familiaridade com o ambiente. As sessões foram categorizadas da seguinte maneira: dois primeiros blocos com seis sessões cada e dois últimos blocos com quatro sessões cada, com duração de aproximadamente 20 minutos, os atendimentos foram realizados em ambiente conhecido pelos participantes com período

semanalmente e todos foram orientados a não estimular a interação entre participante e animal, objetivando que a interação ocorresse de maneira espontânea. Foram sessões lúdicas onde haviam muitos brinquedos e o participante poderia dentre as opções, escolher o brinquedo que mais lhe interessava (LACERDA, 2014).

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento que provoca dificuldade acentuada na comunicação e interação social, o portador se torna muito introspectivo e comumente não se interessa em assuntos comuns à maioria das pessoas, pode provocar também a emissão de padrões restritos e repetitivos de comportamento, sendo eles estereotípias ou comportamentos verbais estereotipados. Os resultados deste estudo apontaram que a TAA foi uma intervenção promissora para os participantes, no entanto, não foram todos os participantes que apresentaram diminuição dos comportamentos estereotipados e/ou agressivos com efeito imediato, para a maioria houve diminuição dos comportamentos inadequados, mas cinco dos participantes não obtiveram efeito de mudança, o que reforça a hipótese de que os efeitos da TAA a indivíduos com TEA são moderados e acentua a necessidade de mais estudos na área, uma vez que este estudo foi um dos pioneiros no campo de atuação da TAA para indivíduos com TEA (LACERDA, 2014).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Compreender como a utilização de animais como co-terapeutas pode ser mediadora de bem-estar e maior qualidade de vida aos assistidos pela atividade e terapia assistida por animais (A/TAA).

4.1.1 Objetivos específicos

- Explorar a relação homem-animal;
- Compreender o funcionamento das modalidades terapêuticas terapia assistida por animais e atividade assistida por animais;
- Elencar e avaliar pontos positivos e fatores de risco.

5 MÉTODOS

5.1 Procedimento

Para a confecção do presente estudo foi adotado o levantamento bibliográfico dos trabalhos sobre a temática proposta. As buscas de artigos e trabalhos acadêmicos foram realizadas nas bases de dados Scielo (Scientific Eletronic Library Online), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), SBU (Sistema de Bibliotecas da Unicamp) e Pepsic (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) de maneira integral, a base de dados Google Acadêmico foi utilizada, filtrando trabalhos científicos e produções acadêmicas confiáveis. Como estratégia de busca foram utilizados os descritores: terapia assistida por animais, atividade assistida por animais, equoterapia, bototerapia, delfinoterapia, ictioterapia, hospital, processo de hospitalização e psicologia.

A análise dos trabalhos levantados foi realizada através da leitura criteriosa de cada produção acadêmica e artigo, no intuito de verificar se os mesmos preenchem os critérios de inclusão estabelecidos. O recorte de tempo avaliado foi de 2000 a 2020, com exceção de dois livros, um do ano de 1998 que é um clássico escrito por Nise da Silveira e outro clássico escrito por Valdemar Augusto Angerami Camon do ano de 1996.

O primeiro passo após o levantamento foi a leitura seletiva dos resumos de produções acadêmicas e artigos levantados em potencial por parte das investigadoras, para averiguar se o conteúdo contemplava os requisitos propostos como critério de inclusão, os que não preenchiam foram removidos. A leitura seletiva busca eliminar o excesso de trabalhos, onde são selecionados somente produções que realmente se enquadram com o problema de pesquisa, é importante ter sempre em mente a finalidade do estudo e caso haja necessidade, que sejam retomados os objetivos gerais e específicos, afim de ajudar na seleção somente de trabalhos que sejam pertinentes para responder aos objetivos propostos (MASCARENHAS, 2012).

Após a leitura seletiva dos resumos, alguns trabalhos foram selecionados para que pudessem ser analisados com mais profundidade através da leitura reflexiva, nesta segunda etapa foram feitas análises, sínteses e comparações, visando a construção de uma opinião sobre os trabalhos selecionados. Conforme Mascarenhas

(2012) conceitua a leitura reflexiva como sendo destinada à identificar ideias principais e secundárias, comparar as ideias e compreender o significado dos conceitos. Em seguida à leitura seletiva e reflexiva, o terceiro passo foi a leitura interpretativa, buscando compreender os problemas, as hipóteses e as provas que os autores apresentam e avaliar como as conclusões dos mesmos podem contribuir para a presente pesquisa.

5.1.1 Critérios de inclusão

- Corresponder ao tema de pesquisa aqui proposto.
- Acesso aberto e acessível da produção acadêmica ou artigo na base de dados.

5.1.2 Critérios de exclusão

- Artigos duplicados nas bases de dados.
- Produções acadêmicas ou artigos bloqueados na base de dados, que não disponibilizam acesso livre.
- Não corresponder ao tema de pesquisa proposto.

6 JUSTIFICATIVA

Os estudos sobre A/TAA estão sendo cada vez mais explorados, atualmente a literatura apresenta uma grande quantidade de pesquisas que visam compreender de maneira mais detalhada os efeitos desta modalidade terapêutica para pessoas que necessitam de cuidados especiais. Entretanto, é uma área que ainda tem muito conteúdo a ser explorado.

Sabe-se que hoje, as estratégias terapêuticas A/TAA são utilizadas como recurso de intervenção em diversos contextos, que abrangem desde a área escolar até a área da saúde. É um desafio para muitos profissionais conseguir propor estratégias inovadoras que sejam eficazes e com assistência humanizada para o tratamento de pessoas com alguma limitação, com alguma deficiência, que estejam hospitalizadas ou que possuam dificuldades de ordem orgânica ou emocional.

Os profissionais da área da saúde possuem a missão de ajudar o paciente a tonar o processo de tratamento ou de hospitalização o menos doloroso possível, profissionais da área da educação possuem a missão de ajudar o aluno portador de alguma necessidade especial, deficiência ou distúrbio a desenvolver-se academicamente. Muitos outros profissionais se deparam com o desafio de promover aos pacientes ou alunos uma vida com mais qualidade, pautada em uma visão biopsicossocial, onde saúde vai muito além da ausência de doença, uma vida com menos dor e mais alegria, possuem o desafio de promover a interação social, de trazer esperança, amor, amparo e carinho para pessoas que muitas vezes estão em risco de adentrar em um processo depressivo.

É com o pensamento neste caminho que entende-se que estudar sobre a A/TAA e tornar essa prática possível como estratégia de intervenção pode trazer muitas vantagens e benefícios para pessoas de todas as idades, inseridas nos mais variados contextos, desde que realizada dentro das normas regulamentadoras exigidas, sempre com a presença de profissionais e/ou mediadores/facilitadores co-terapeutas capacitados.

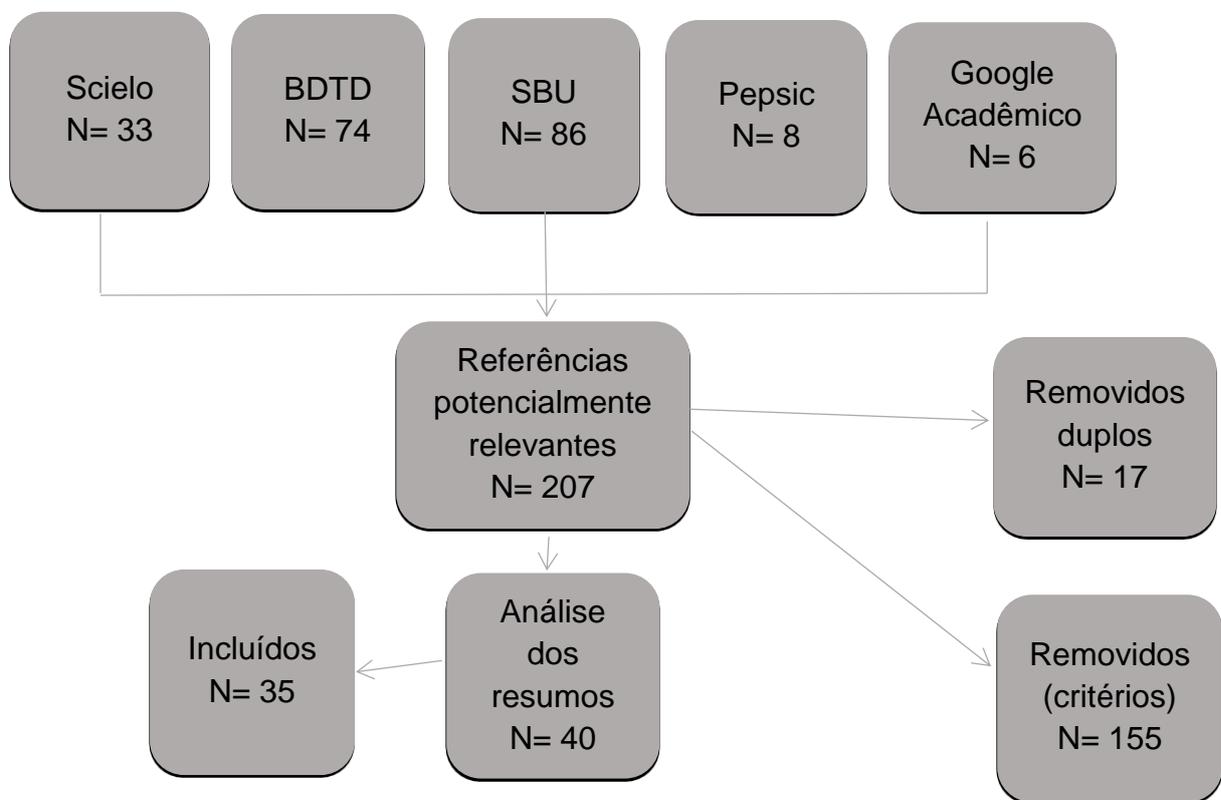
O interesse pelo tema terapia assistida por animais surgiu também devido à grande afinidade existente entre as pesquisadoras e os animais, que enxergaram a possibilidade de compreender mais a fundo como a simples existência e presença de

um animal pode ser um potente fator terapêutico que desperta sentimentos e comportamentos positivos nas pessoas assistidas.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca nas bases de dados foi realizada no período de 05/12/2019 à 25/05/2020, foram localizados 207 trabalhos em potencial. Após análise dos critérios de exclusão e inclusão, 35 trabalhos foram selecionados para responder ao problema de pesquisa proposto, 17 trabalhos foram removidos por duplicada e 155 removidos por critérios, conforme pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 – Fluxograma de inclusão e exclusão dos artigos e trabalhos acadêmicos.



A Tabela 1 sintetiza todos os trabalhos sobre os temas AAA e TAA incluídos neste estudo em ordem alfabética. Foram atribuídos números sequenciais para cada trabalho, afim de construir uma ordem para a apresentação dos resultados. As colunas da tabela contam com título, nome do (s) autor (es) e ano de publicação de cada estudo.

Tabela 1 – Artigos, trabalhos acadêmicos e livros incluídos no levantamento bibliográfico.

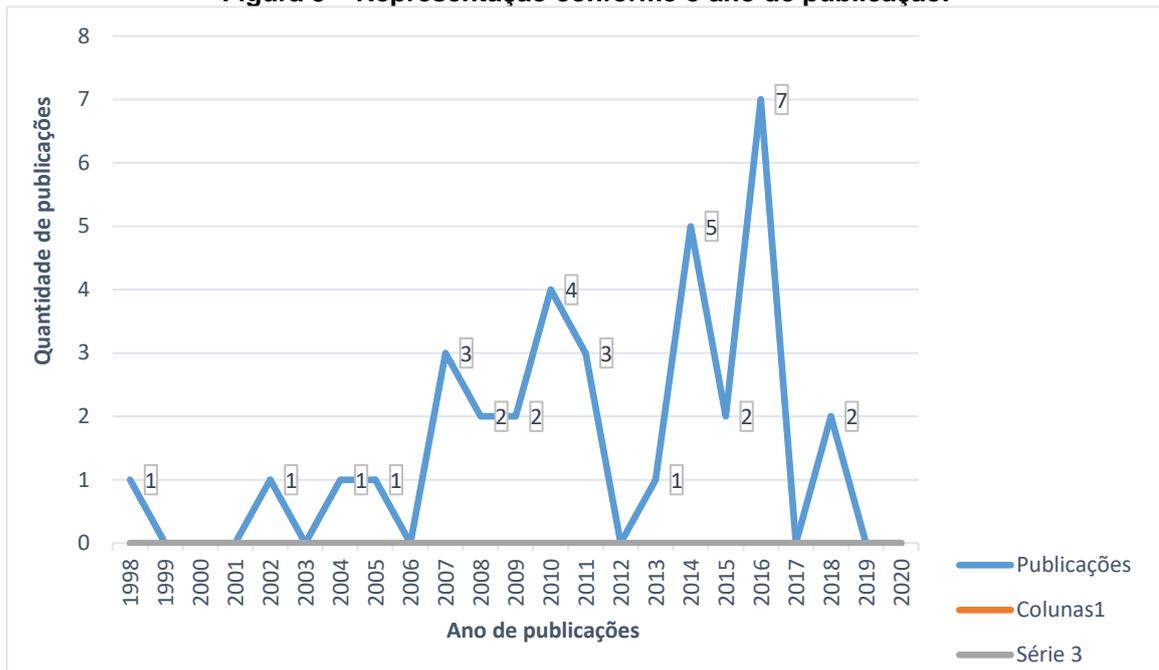
Nº do estudo	Título	Referência
1	A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas	VACCARI; ALMEIDA, 2007
2	As contribuições da TAA – terapia assistida por animais à psicologia	CAETANO, 2010
3	Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro	BUSSOTI, 2005
4	Atividade assistida por animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes: a busca por evidências científicas	CRIPPA; FEIJÓ, 2014
5	Atividade assistida por animais e sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados	ICHITANI; CUNHA, 2016
6	Atividade assistida por cães – intervenção para interação socioafetiva “au-au”tismo	RODRIGUES, 2016
7	Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães	GARCIA, 2009
8	Comportamento angular do andar de criança com Síndrome de Down após intervenção com equoterapia	COPETTI <i>et.al.</i> , 2007
9	Condicionamento do cavalo para sua manutenção na equoterapia	PEREIRA <i>et.al.</i> , 2018
10	Da domesticação à terapia: o uso de animais para fins terapêuticos	GARCIA; BOTOMÉ, 2008
11	Delfinoterapia e necessidades especiais	LOPES, 2010
12	Desenvolvimento e implantação de terapia assistida por animais em hospital universitário	KOBAYASHI <i>et.al.</i> , 2009
13	Discussão sobre o efeito positivo da equoterapia em crianças cegas	SILVA; GRUBITS, 2004
14	Efeito da equoterapia na estabilidade postural de portadores de esclerose múltipla: estudo preliminar	MENEZES <i>et.al.</i> , 2013
15	Efeitos da equoterapia no controle postural, equilíbrio, função motora grossa e qualidade de vida de crianças e jovens com paralisia cerebral	STRALING, 2016
16	Efeito da equoterapia no equilíbrio postural de idosos	ARAUJO <i>et.al.</i> , 2011
17	Efeitos da participação de um cão em sessões de terapia sobre o comportamento social de crianças com autismo	LACERDA, 2014
18	Equoterapia na reabilitação da meningoencefalocel: estudo de caso	SANCHES; VASCONCELOS, 2010
19	Gatos, a emoção de lidar	SILVEIRA, 1998
20	Impactos socioambientais da terapia assistida com o boto-cor-de-rosa (<i>inia geoffrensis</i>) no município de Iranduba - Am	SIQUEIRA, 2016
21	O efeito de um programa de equoterapia no desenvolvimento psicomotor de crianças com indicativos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade	BARBOSA, MUNSTER, 2014
22	O papel da ictioterapia no tratamento da psoríase: relato de caso	CABRAL; CARNEIRO, 2014
23	Os benefícios da terapia assistida por animais: uma revisão bibliográfica	PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2007
24	O uso da equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em indivíduos da terceira idade	TOIGO; JÚNIOR; ÁVILA, 2008
25	Pedagogia aliada à equoterapia: união capaz de produzir conquistas no processo de aprendizagem	CARLOS; DOMINGUES, 2015
26	Protocolo do programa de assistência auxiliada por animais no hospital no hospital universitário	SILVEIRA; SANTOS; LINHARES, 2010

(Conclusão)

Nº do estudo	Título	Referência
27	Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) – mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro	KAWAKAMI; NAKANO, 2002
28	Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros	MOREIRA <i>et.al.</i> , 2016
29	Terapia assistida por animais	CHELINI; OTTA, 2016
30	Terapia assistida por animais: a experiência dos enfermeiros com o uso desta prática em um hospital oncológico	ALMEIDA; NASCIMENTO; DUARTE, 2016
31	Terapia assistida por animais como recurso terapêutico no atendimento a crianças enlutadas	CASTRO, 2011
32	Terapia assistida por animais – interação entre cães e crianças autistas	MUÑOZ, 2014
33	Terapia assistida por animais no auxílio ao processo educacional de crianças com deficiência intelectual	ROVARIS; LEONEL, 2018
34	Terapia assistida por animais: uma abordagem lúdica em reabilitação clínica de pessoas com Deficiência Intelectual	VIVALDINI, 2011
35	Visita de animal de estimação: proposta de atividade terapêutica assistida por animais a pacientes internados em hospital oncológico	ROCHA, 2015

Fonte: Dados autorais da pesquisa.

Através dos resultados obtidos com os trabalhos e livros incluídos no levantamento bibliográfico, foi possível visualizar que a frequência de publicações sobre o tema em anos mais antigos como 2002, 2004, 2005, 2007, 2008 e 2009 eram menos frequentes em relação às publicações mais recentes de 2010 a 2016. Sendo assim, pode-se concluir, de fato, que os estudos na área vem se expandindo e o interesse acadêmico sobre o tema aumentou significativamente como pode ser observado na Figura 8.

Figura 8 – Representação conforme o ano de publicação.

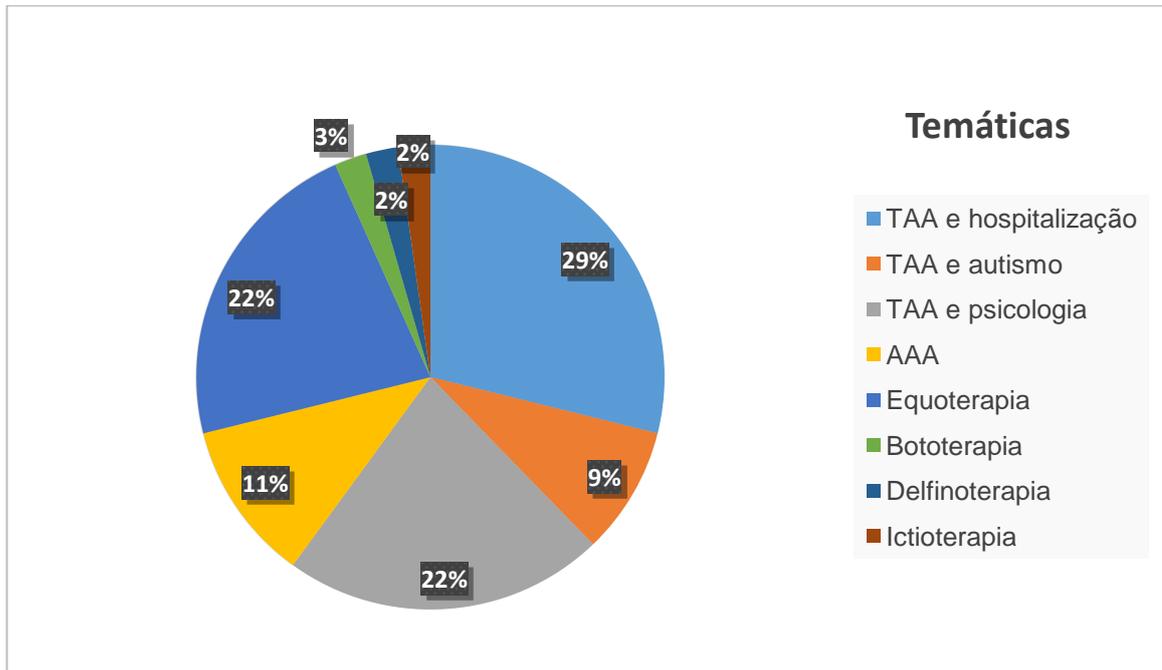
Fonte: dados autorais da pesquisa.

7.1 Análise dos dados obtidos nos artigos, livros e trabalhos acadêmicos

A leitura dos trabalhos e livros incluídos foi realizada e utilizou-se a metodologia proposta por Bardin (2011) análise de conteúdo por categorização e agrupamento em oito eixos temáticos, sendo eles: (1) TAA e pacientes hospitalizados, (2) TAA e autismo, (3) TAA e psicologia, (4) atividade assistida por animais, (5) equoterapia, (6) delfinoterapia, (7) ictioterapia e (8) bototerapia.

A análise de conteúdo demonstrou que a maioria dos artigos, livros e trabalhos acadêmicos incluídos foi sobre a temática TAA e pacientes hospitalizados, com a quantidade de 13 trabalhos inseridos, enquanto a menor quantidade foram sobre as temáticas delfinoterapia, ictioterapia e bototerapia, com apenas um estudo de cada tema, conforme descrito na Figura 9.

Figura 9 – Eixos temáticos elencados através da análise de conteúdo.



Fonte: dados autorais da pesquisa.

7.1.1 Terapia assistida por animais e hospitalização

Foram inclusos 13 trabalhos neste eixo, dentre artigos, livros e trabalhos acadêmicos, devido a temática principal ser com enfoque na utilização de animais dentro do contexto hospitalar como recurso complementar. Para melhor visualização e compreensão geral acerca desses textos, as Tabelas 2 e 3 que seguem abaixo sinalizam os aspectos metodológicos e os principais resultados e conclusões encontrados nos estudos.

Como é possível observar, a Tabela 2 elenca a quantidade de estudos incluídos em cada aspecto metodológico, sendo: estudos de casos (2), revisão bibliográfica (3), pesquisa quantitativa e qualitativa (1), protocolo (1), livro (1), relato de experiência (1) e estudo qualitativo (4).

Os participantes foram pacientes hospitalizados, em sua maioria crianças e adolescentes, a quantidade variou de um a 17 participantes e o procedimento em predominância foi a observação participante.

Tabela 2 – Aspectos metodológicos dos estudos e livros incluídos no eixo TAA e hospitalização.

Nº do estudo	Metodologia	Participantes	Procedimento
1	Pesquisa qualitativa	13 crianças	Observação participante
2	Revisão bibliográfica	-	Pergunta norteadora
3	Estudo de caso	Uma paciente hospitalizada	Observação participante
4	Revisão sistemática	-	Pergunta norteadora
5	Pesquisa quantitativa e qualitativa	17 pacientes	Observação participante
12	Estudo de caso	Projeto Amicão em hospital universitário	Observação participante
23	Levantamento bibliográfico	-	Pergunta norteadora
26	Protocolo de um programa	Pacientes de hospital universitário	Observação participante
27	Relato de experiência	Profissionais de enfermagem	Observação participante
28	Estudo qualitativo	16 pacientes hospitalizados	Observação participante
29	Livro	-	Descrição e conceituação da IAA
30	Pesquisa qualitativa	11 enfermeiros	Entrevista semiestruturada
35	Estudo qualitativo	Três pacientes hospitalizados	Observação participante

1) VACCARI; ALMEIDA, 2007; 2) CAETANO, 2010; 3) BUSSOTI, 2005; 4) CRIPPA; FEIJÓ, 2014; 5) ICHITANI; CUNHA, 2016; 12) KOBAYASHI et.al., 2009; 23) PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2007; 26) SILVEIRA; SANTOS; LINHARES, 2010; 27) KAWAKAMI; NAKANO, 2002; 28) MOREIRA et.al., 2016; 29) CHELINI; OTTA, 2016; 30) ALMEIDA; NASCIMENTO; DUARTE, 2016; 35) ROCHA, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

A seguir, a Tabela 3 irá sintetizar os principais resultados e conclusões encontrados no eixo TAA e hospitalização. Os 13 textos apontam em seus resultados e conclusões os benefícios e riscos envolvidos na aplicação de TAA e AAA no contexto hospitalar. Dentre eles se destacaram, essencialmente, a promoção de maior qualidade de vida em uma visão humanizada a pacientes hospitalizados – principalmente crianças e adolescentes – através da distração, alegria, interação e

quebra da pesada rotina hospitalar, permeada de procedimentos dolorosos e invasivos.

Tabela 3 – Principais resultados e conclusões dos estudos e livros incluídos no eixo TAA e hospitalização

Nº do estudo	Principais resultados	Conclusões
1	A visita de animais é uma experiência muito prazerosa para a criança hospitalizada, a visita colaborou para maior interação da criança com a equipe e com as outras crianças, contribuiu também para que se tronassem mais cooperativas com os procedimentos hospitalares	A TAA mostrou-se uma atividade prazerosa, não somente para as crianças, mas também para os adultos à sua volta
2	A relação com animais faz com que as pessoas se sintam melhores e quando utilizado em asilos, hospitais, em consultório ou em atividades com pessoas com deficiências motoras ou doenças graves, os resultados são sempre favoráveis	O relacionamento com o animal sempre é amistoso e benéfico
3	Relato da participante: “quando minha cachorra chegou, senti muita emoção, quase chorei, foi um momento especial onde a saudade e a tristeza viraram presença e felicidade”	A visita da cachorrinha de estimação da paciente que estava hospitalizada e que posteriormente veio a óbito pôde levar felicidade e um momento de descontração frente ao sofrimento
4	Embora escassas, no decorrer dos anos, mais publicações sobre a temática Atividade Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais vem surgindo no campo acadêmico-científico. O que demonstra a contemporaneidade da utilização de animais para auxiliar pessoas enfermas	As modalidades terapêuticas TAA e AAA não podem ser consideradas um tratamento complementar usual, mas a interação entre humano e animal se revelou benéfica nos 17 trabalhos analisados no artigo de revisão
5	O estudo evidenciou que a AAA demonstrou efetividade no auxílio da redução de dor, sensação que foi auto referida pelos participantes. A intervenção corroborou para a diminuição da necessidade de utilização de mais fármacos para a dor	Diminuição significativa na sensação de dor após a intervenção de AAA, o que evidencia a necessidade de mais estudos na área
12	Os animais devem ser devidamente higienizados e cuidados de acordo com as normas estabelecidas. Existe um processo que deve ser seguido rigorosamente, que vai desde a seleção do animal até a entrada no hospital. O paciente deve ser devidamente orientado quanto às normas de conduta durante a intervenção	O Projeto Amicão mudou de maneira significativa a rotina do hospital, fato relatado pelos pais e/ou responsáveis de pacientes, pelos próprios pacientes e também pela equipe de saúde, que passou a solicitar a visita dos mesmos
23	Melhora na socialização, comunicação, redução da pressão arterial, da frequência cardíaca, do estresse, entre outros	A TAA é mais um recurso na atenção à saúde de pacientes hospitalizados
26	Descrição dos cuidados necessários para aplicação de TAA e AAA em contexto hospitalar. Abrangendo critérios de inclusão e exclusão de animais, recomendações aos condutores, critérios de inclusão e exclusão dos pacientes (análise de riscos) e recomendações à equipe de saúde	É de fundamental importância que a entrada do animal em uma unidade hospitalar seja pautada em normas e regras e critérios de segurança e que estes sejam claros e realizáveis por todos os envolvidos

(Conclusão)

Nº do estudo	Principais resultados	Conclusões
27	O comportamento das pessoas após a TAA, independentemente da idade, era sempre o mesmo, ficavam felizes, descontraídas e demonstravam mais facilidade de interação ao conseguirem manter uma conversa que foi iniciada por um assunto sobre o animal	O recurso complementar mesmo se mostrando eficiente, ainda encontra barreiras para chegar em alguns hospitais brasileiros, que não permitem a entrada de animais.
28	A prática é reconhecida como benéfica aos participantes, envolve mudanças além das emocionais, que são percebidas	Conclui-se que é promissória a participação de cães no cuidado de crianças e adolescentes, os participantes veem a TAA como potente facilitador
29	Histórico, descrição e conceituação sobre a TAA	Como a prática pode ser potencialmente provedora de qualidade de vida biopsicossocial
30	Foram levantados seis temas que demonstram o reconhecimento da importância da TAA no cuidado da criança pelo enfermeiro, embora alguns enfermeiros discordem	A inserção do animal no hospital é uma prática viável, o papel do enfermeiro nesta prática é primordial
35	Melhora no equilíbrio do estado psicológico de pacientes oncológicos e familiares, potencializando seus recursos de enfrentamento e minimização de manifestações psíquicas e comportamentais que podem interferir no tratamento. Maior adesão a tratamentos invasivos	O programa trouxe aos pacientes a lembrança de um prazer familiar simples, a troca de afeto com seus animais, que remete à lembranças do ser sadio

1) VACCARI; ALMEIDA, 2007; 2) CAETANO, 2010; 3) BUSSOTI, 2005; 4) CRIPPA; FEIJÓ, 2014; 5) ICHITANI; CUNHA, 2016; 12) KOBAYASHI et.al., 2009; 23) PEREIRA; PEREIRA; FERREIRA, 2007; 26) SILVEIRA; SANTOS; LINHARES, 2010; 27) KAWAKAMI; NAKANO, 2002; 28) MOREIRA et.al., 2016; 29) CHELINI; OTTA, 2016; 30) ALMEIDA; NASCIMENTO; DUARTE, 2016; 35) ROCHA, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

Os 13 estudos, cada um com a sua particularidade e objetividade, chegaram a resultados e conclusões semelhantes ao levantarem e pontuarem os principais benefícios da prática de TAA e AAA dentro de uma unidade hospitalar, alguns apresentaram também os fatores de riscos envolvidos e quais cuidados devem ser seguidos rigorosamente para que tudo ocorra dentro do esperado.

O protocolo do programa de assistência auxiliada por animais em hospital universitário descrito por Silveira, Santos e Linhares (2010) foi bastante esclarecedor com relação aos cuidados que devem ser tomados quando se insere um animal em contexto hospitalar. Como critérios de inclusão dos animais no programa, relataram ser importante que os animais sejam avaliados por um profissional adestrador ou médico veterinário, devem ser treinados adequadamente, estar saudáveis, sociáveis e responder sempre aos comandos do condutor. Animais que apresentam comportamentos anti-sociais e/ou agressivos, sinais de infecção, lesões de qualquer natureza, secreção, vômito e diarreia devem ser excluídos do programa. Para que um

paciente seja incluído ao programa, é necessário que não possua alergia a animais e não apresente aversão e/ou fobia aos mesmos, pacientes em pós operatório imediato não devem participar, pois estão suscetíveis a desenvolver infecções.

Um estudo de caso muito marcante e que desperta bastante reflexões foi o estudo relatado por Bussoti (2005), a paciente pré-adolescente de 13 anos que veio a óbito por leucemia um tempo depois da visita de sua cachorrinha ao hospital deixa registrado o quanto a presença de seu animal de estimação pôde ressignificar seu processo de internação.

Kawakami e Nakano (2002), alunas da graduação de enfermagem no momento em que o artigo foi escrito, enfatizaram o quanto sua experiência em conhecer de perto a TAA foi rica e puderam observar os benéficos variados que o recurso promove, pontuaram em seu relato uma questão essencial “reconhecer os sentimentos do paciente é fundamental para o enfermeiro, pois é através desta compreensão que ele percebe as necessidades reais do paciente e pode realizar um plano de cuidados sistematizado, considerando a pessoa como um todo” (KAWAKAMI; NAKANO, 2002, p. 7).

A comprovação de que a sensação de dor em crianças e adolescentes hospitalizados após o contato com cães diminuiu é um estudo que deixa claro que a intervenção é bastante eficiente, podendo auxiliar para que não haja necessidade de administrar uma grande quantidade de fármacos para conter a dor, o tratamento complementar com animais pode sim viabilizar esse avanço na diminuição da sensação de dor (ICHITANI; CUNHA, 2016).

À partir da visualização geral e interpretação dos textos incluídos neste eixo, pode-se concluir que todos os trabalhos se assemelham ao apontar as vantagens da utilização da TAA e AAA em hospitais, poucos trabalhos apontam os riscos envolvidos, devido aos mesmos serem muito baixos quando todos os cuidados necessários são devidamente tomados. Pode-se compreender a importância de uma abordagem humanizada dos profissionais de saúde, que seja pautada no modelo biopsicossocial e não somente uma visão unilateral.

Este diferencial muitas vezes acaba por ser determinante sobre como serão os últimos dias de vida de uma pessoa, e é neste limiar que os profissionais de saúde irão atuar, por isso, precisam estar preparados, humanizados e sensibilizados para compreender as necessidades de cada um e se colocar presente e disponível para atendê-las na medida do possível. Somente conscientizar sobre a necessidade de

humanização não é suficiente, é necessário que equipes de saúde empenhadas e engajadas se envolvam para fazer acontecer este diferencial.

7.1.2 Terapia assistida por animais e autismo

Neste eixo temático foram incluídos quatro textos, dentre artigos e trabalhos acadêmicos, textos que enfocam o uso da TAA aplicada ao tratamento do TEA, abaixo na Tabela 4 será demonstrado de maneira descritiva e sintetizada os aspectos metodológicos dos estudos deste eixo e na Tabela 5 os principais resultados e conclusões encontrados.

Como pode-se observar na Tabela 4, os participantes dos estudos deste eixo são todos crianças e adolescentes, quanto a metodologia, foram incluídos: revisão sistemática (1), estudo de campo (2) e estudo quantitativo e qualitativo (1). O procedimento em predominância é a observação participante, com intervenções.

Tabela 4 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo TAA e autismo.

Nº do estudo	Metodologia	Participantes	Procedimento
4	Revisão sistemática	-	Pergunta norteadora
6	Estudo quantitativo e qualitativo	10 crianças diagnosticadas com TEA	Observação participante
17	Estudo de campo	20 crianças e adolescentes diagnosticados com TEA	Observação participante
32	Estudo de campo	Seis crianças com diagnóstico de TEA	Observação participante

4) CRIPPA; FEIJÓ, 2014; 6) RODRIGUES, 2016; 17) LACERDA, 2014; 32) MUÑOZ, 2014.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

A Tabela 5 a seguir sintetiza os principais resultados e conclusões dos estudos analisados neste eixo, houve convergência nos resultados dos estudos, os quatro apontaram que as intervenções promoveram melhora na interação social, melhora comportamental, alegria e maior motivação entre os participantes.

Os participantes dos estudos incluídos neste eixo, após a intervenção de TAA e AAA, apresentaram significativa redução nos níveis de estresse e agressividade, o que foi relatado também pelos pais, que pontuaram melhora no comportamento dos filhos no dia a dia após a intervenção “quando a criança se envolve com o animal, o

profissional de saúde se aproxima do paciente criando um laço de confiança. Assim, um tratamento utilizando o cão como co-terapeuta tende a ter resultados benéficos” (RODRIGUES, 2016, p. 65).

É importante ressaltar que o recurso terapêutico mediado por animais co-terapeutas não substitui tratamentos convencionais específicos para o transtorno do espectro autismo – assim como para nenhuma outra patologia – o recurso consiste em um outro enfoque, um enfoque lúdico, motivacional e complementar. Entretanto, a intervenção para alguns participantes dos estudos, que estão em minoria, não resultou no mesmo efeito de evolução que resultou para a maioria, alguns não demonstraram melhora no comportamento após as intervenções, o que reforça a necessidade de mais estudos na área (LACERDA, 2014; MUÑOZ, 2014).

Tabela 5 – Principais resultados e conclusões dos estudos incluídos no eixo TAA e autismo.

Nº do estudo	Principais resultados	Conclusões
4	Embora escassas, no decorrer dos anos, mais publicações sobre a temática Atividade Assistida por Animais e Terapia Assistida por Animais vem surgindo no campo acadêmico-científico. O que demonstra a contemporaneidade da utilização de animais para auxiliar pessoas enfermas	As modalidades terapêuticas TAA e AAA não podem ser consideradas um tratamento complementar usual, mas a interação entre humano e animal se revelou benéfica nos 17 trabalhos analisados no artigo de revisão
6	As crianças se mostraram felizes com a interação com os cães, uma delas ficou hipnotizada ao jogar a bolinha e o cão ir buscar todas as vezes. Algumas não demonstraram muito interesse na interação, interagindo mais com os condutores ou profissionais	No geral, a pesquisa apresentou grandes mudanças positivas no comportamento das crianças com TEA
17	Os resultados apontam que a intervenção TAA foi promissora, no entanto, não trouxe resultados positivos para todos os participantes	A escassez de estudos na área torna importante publicações de estudos que fomentem reflexões e discussões sobre a temática
32	Algumas crianças se mostraram resistentes à interação com os cães no início, mas posteriormente se envolveram	Os cães, mesmo sem contingências reforçadoras, se mostram sensíveis ao estado de atenção das pessoas envolvidas na sessão

4) CRIPPA; FEIJÓ, 2014; 6) RODRIGUES, 2016; 17) LACERDA, 2014; 32) MUÑOZ, 2014.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

7.1.3 Terapia assistida por animais e psicologia

Neste eixo foram incluídos 10 estudos que abordam a temática de TAA aplicada por profissionais psicólogos e estudos na área da psicologia sobre a temática. Durante o levantamento bibliográfico foi possível verificar que ainda são poucas as publicações

da área da psicologia neste campo, mas vem crescendo conforme os anos. Através da Tabela 6, é possível visualizar os principais aspectos metodológicos dos estudos. Há um destaque no procedimento, novamente, para a observação participante, uma vez que grande parte dos estudos incluídos são intervenções, a metodologia consistiu em: levantamento bibliográfico (3), estudo qualitativo (2), estudo de campo (2), livro (1), estudo descritivo exploratório (1) e resenha de livro (1). Os participantes transitaram entre um a 46 sujeitos.

Tabela 6 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo TAA e psicologia.

Nº do estudo	Metodologia	Participantes	Procedimento
2	Revisão bibliográfica	-	Pergunta norteadora
7	Levantamento bibliográfico	-	Perguntas norteadoras
10	Resenha	-	Resenha de livro
31	Estudo qualitativo	Uma crianças de sete anos	Observação participante
32	Estudo de campo	Seis crianças com diagnóstico de TEA	Observação participante
33	Levantamento bibliográfico	-	Pergunta norteadora
34	Estudo descritivo exploratório	46 sujeitos entre pacientes, terapeutas e responsáveis	Observação não participante
17	Estudo de campo	20 crianças e adolescentes diagnosticados com TEA	Observação participante
19	Livro	-	Relato de experiência
35	Estudo qualitativo	Três pacientes hospitalizados	Observação participante

2) CAETANO, 2010; 7) GARCIA, 2009; 10) GARCIA; BOTOMÉ, 2008; 31) CASTRO, 2011; 32) MUÑOZ, 2014; 33) ROVARIS; LEONEL, 2018; 34) VIVALDINI, 2011; 17) LACERDA, 2014; 19) SILVEIRA, 1998; 35) ROCHA, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

A Tabela 7 apresenta os principais resultados e conclusões dos estudos e livros incluídos neste eixo temático, que serão discutidos posteriormente. As pesquisas apontam as principais características do trabalho terapêutico de psicólogos que utilizam o recurso de cães como co-terapeutas e de que forma está prática pode servir de auxílio para o manejo do processo psicodiagnóstico e de psicoterapia.

Tabela 7 – Principais resultados e conclusões dos estudos e livros incluídos no eixo TAA e psicologia.

Nº do estudo	Principais resultados	Conclusões
2	A relação com animais faz com que as pessoas se sintam melhores e quando utilizada em asilos, hospitais, em consultório ou em atividades com pessoas com deficiências motoras ou doenças graves, os resultados são sempre favoráveis	O relacionamento com o animal sempre é amistoso e benéfico
7	Como existem vários profissionais atuando nesta área, podem haver confusões sobre a definição da prática para cada especificidade	196 classes de comportamentos foram analisadas para caracterizar a composição de uma intervenção de psicoterapia com auxílio de cães e como ela pode ser realizada
10	A resenha do livro Terapia & Animais traz um pouco das questões trabalhadas no livro. Aspectos históricos, diferenciações entre as terminologias, benefícios das modalidades terapêuticas, entre outros	A organização do livro sobre um subcampo ainda não muito aprofundado abre um caminho para quem tem interesse em conhecer a utilização de animais para fins terapêuticos
31	O processo psicodiagnóstico com apoio de um cão a uma criança enlutada se mostrou eficaz, a presença do animal atua como catalisador do processo de ambientação da criança, facilitando o vínculo com o terapeuta	Salienta-se a necessidade de que o psicólogo que atua com este recurso deve ter conhecimento técnico e afinidade com o animal
32	Algumas crianças se mostraram resistentes à interação com os cães no início, mas posteriormente se envolveram, TEA	Os cães, mesmo sem contingências reforçadoras, se mostram sensíveis ao estado de atenção das pessoas envolvidas na sessão
33	A modalidade terapêutica tem ganhado espaço devido a ter se mostrado eficaz no tratamento de pessoas com DI	Existe a necessidade de mais preparo dos profissionais para atuar junto à equipe multidisciplinar
34	As crianças com DI que participaram do estudo obtiveram uma mudança notória, ficavam mais disponíveis e sorridentes, havendo também melhor desempenho nas atividades propostas	O cão foi considerado pelas crianças de forma atraente e a interação foi, de fato, convidativa
17	Os resultados apontam que a intervenção TAA foi promissora, no entanto, não trouxe resultados positivos para todos os participantes autistas	A escassez de estudos na área torna importante publicações de estudos que fomentem reflexões e discussões sobre a temática
19	Nise da Silveira conta sua trajetória na TAA, enfatiza seu amor pelos gatos e relata seu trabalho com pacientes esquizofrênicos através do apoio de felinos como co-terapeutas	Os gatos também podem atuar como terapeutas em contextos apropriados, no entanto, está prática é extremamente rara devido aos felinos muitas vezes serem difíceis de adestrar para este tipo de trabalho
35	Melhora no equilíbrio do estado psicológico de pacientes oncológicos e familiares, potencializando seus recursos de enfrentamento e minimização de manifestações psíquicas e comportamentais que podem interferir no tratamento. Maior adesão a tratamentos invasivos	O programa trouxe aos pacientes a lembrança de um prazer familiar simples, a troca de afeto com seus animais, que remete à lembranças do ser sadio

2) CAETANO, 2010; 7) GARCIA, 2009; 10) GARCIA; BOTOMÉ, 2008; 31) CASTRO, 2011; 32) MUÑOZ, 2014; 33) ROVARIS; LEONEL, 2018; 34) VIVALDINI, 2011; 17) LACERDA, 2014; 19) SILVEIRA, 1998; 35) ROCHA, 2015.

Fonte: Dados autorais da pesquisa.

Conforme Castro (2011) salienta, existem muitos projetos que fazem uso de animais como estratégia terapêutica, no entanto, a maioria se baseia apenas em dados empíricos. “No Brasil, o crescimento do interesse em pesquisa na área de TAA é significativo, o que aproxima o país do destaque que países europeus e americanos são à prática, resultando em reconhecimento e difusão da TAA em várias disciplinas de atuação no nosso país” (CASTRO, 2011, p. 100).

Durante o processo, o cão e o (a) terapeuta se tornam figuras de apego para as crianças, figuras em que as crianças podem confiar para explorar e se revelar, que lhe encorajam e trazem vontade de viver novos desafios, sempre com conteúdo lúdico, concreto e acessível. Os cães, de maneira singela, sempre se mostram sensíveis e atentos aos participantes, em casos de pacientes hospitalizados, cabe acentuar que remetem a lembranças do lar, do Ser sadio (CASTRO, 2011; MUÑOZ, 2014; ROCHA, 2015).

O livro de Silveira (1998), que foi um clássico incluído neste levantamento, revela o amor da psiquiatra e psicanalista Nise da Silveira pelos animais, excepcionalmente pelos felinos, e transcorre de forma simples e acolhedora seu trabalho com felinos em um hospital psiquiátrico, todo o interesse acadêmico científico sobre esta área muito se deve à Nise, foi a precursora determinada e engajada que não desistiu de difundir a técnica no Brasil e praticá-la, mesmo sofrendo rejeições na sua atuação.

Para a confecção deste trabalho, buscou-se em cada eixo trazer a atuação dos animais em diversos contextos, visando a compreensão com maior amplitude do recurso, no campo da psicologia encontra-se o trabalho do psicólogo e cão atuando no processo psicodiagnóstico, que se estende também para a psicoterapia, encontra-se o trabalho do psicólogo e cão atuando com crianças autistas, em ambiente hospitalar, com crianças e adolescentes portadores de DI. Esses são apenas alguns, dos muitos contextos que os animais podem atuar, conforme visto nos outros eixos temáticos.

7.1.4 Atividade assistida por animais

Neste eixo foram incluídos cinco trabalhos, os mesmos foram destinados à relatar a experiência do uso de animais como mediadores de tratamentos, mas o uso de maneira mais casual, sem metas fixas e procedimentos sistemáticos, o que

consiste na AAA (não necessariamente haverá metas estabelecidas e planos de tratamento nesta modalidade, porém, os procedimentos e normas de segurança sempre devem ser seguidos à risca).

A Tabela 8 elenca os aspectos metodológicos dos estudos, na coluna metodologia verifica-se que foram incluídos estudos variados, sendo eles: estudo de caso (1), estudo qualitativo (1), estudo quantitativo e qualitativo (2) e revisão sistemática (1), participaram das pesquisas relatadas neste eixo entre um a 17 sujeitos em contextos diferentes. O procedimento em predominância novamente foi a observação participante, considerando que a maioria foram estudos de intervenção.

Tabela 8 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo AAA.

Nº do estudo	Metodologia	Participantes	Procedimento
3	Estudo de caso	Uma paciente hospitalizada	Observação participante
4	Revisão sistemática	-	Pergunta norteadora
5	Estudo quantitativo e qualitativo	17 pacientes	Observação participante
6	Estudo quantitativo e qualitativo	10 crianças diagnosticadas com TEA	Observação participante
35	Estudo qualitativo	Três pacientes hospitalizados	Observação participante

3) BUSSOTI, 2005; 4) CRIPPA; FEIJÓ, 2014; 5) ICHITANI; CUNHA, 2016; 6) RODRIGUES, 2016; 35) ROCHA, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

A Tabela 9 sintetiza os principais resultados e conclusões dos cinco estudos. A presença de cães (co-terapeutas ou cães de estimação de pacientes) no tratamento de patologias diversas é capaz de produzir sentimentos de alegria, descontração e diminuição da sensação de dor, remete à lembranças do lar e pode ressignificar o sentido da vida em momentos de internação (BUSSOTI, 2005; ICHITANI; CUNHA, 2014; ROCHA, 2015).

Frequentemente, conforme relatado por Rocha (2015) pacientes internados emitem o desejo de ver seus animais, expressando estarem com saudades, que tem o sonho de rever seu animal de estimação, que sentem falta. Frente a esta situação, como fechar os olhos sem considerar essa possibilidade? “Podemos verificar que a Visita de Animais de Estimação do ICESP está em concordância com o cuidar, palavra

que vem do latim *cogitare*, que significa tratar de, assistir, ter cuidado” (ROCHA, 2015, p. 88).

Rodrigues (2016) enfatiza que a relação homem-animal perpassa o papel do cão apenas como animal de estimação. Os cães possuem uma característica naturalmente humanizada ao lidar com pessoas doentes e/ou que necessitam de cuidados especiais, eles atuam de uma maneira singular e com sua presença conseguem ajudar ao próximo, sem julgamentos e sem preconceitos, é uma relação afetuosa puramente sincera. “O cão co-terapeuta pode ser uma ponte de comunicação entre a criança com autismo e o profissional do cuidado, onde ambos têm a oportunidade de uma aproximação entre dois mundos distantes” (RODRIGUES, 2016, p. 65).

Tabela 9 – Principais resultados e conclusões dos estudos incluídos no eixo AAA.

Nº do estudo	Principais resultados	Conclusões
3	Relato da participante: “quando minha cachorra chegou, senti muita emoção, quase chorei, foi um momento especial onde a saudade e a tristeza viraram presença e felicidade”	A visita da cachorrinha de estimação da paciente que estava hospitalizada e que posteriormente veio a óbito pôde levar felicidade e um momento de descontração frente ao sofrimento
4	Embora escassas, no decorrer dos anos, mais publicações sobre a temática AAA e TAA vem surgindo no campo acadêmico-científico. O que demonstra a contemporaneidade da utilização de animais para auxiliar pessoas enfermas	As modalidades terapêuticas TAA e AAA não podem ser consideradas um tratamento complementar usual, mas a interação entre humano e animal se revelou benéfica nos 17 trabalhos analisados no artigo de revisão
5	O estudo evidenciou que a AAA demonstrou efetividade no auxílio da redução de dor, sensação que foi auto referida pelos participantes. A intervenção corroborou para a diminuição da necessidade de utilização de mais fármacos para a dor	Diminuição significativa na sensação de dor após a intervenção de AAA, o que evidência a necessidade de mais estudos na área
6	As crianças se mostraram felizes com a interação com os cães, uma delas ficou hipnotizada ao jogar a bolinha e o cão ir buscar todas as vezes. Algumas não demonstraram muito interesse na interação, interagindo mais com os condutores ou profissionais	No geral, a pesquisa apresentou grandes mudanças positivas no comportamento das crianças com TEA
35	Melhora no equilíbrio do estado psicológico de pacientes oncológicos e familiares, potencializando seus recursos de enfrentamento e minimização de manifestações psíquicas e comportamentais que podem interferir no tratamento. Maior adesão a tratamentos invasivos	O programa trouxe aos pacientes a lembrança de um prazer familiar simples, a troca de afeto com seus animais, que remete à lembranças do ser sadio

3) BUSSOTI, 2005; 4) CRIPPA; FEIJÓ, 2014; 5) ICHITANI; CUNHA, 2016; 6) RODRIGUES, 2016; 35) ROCHA, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

7.1.5 Equoterapia

Nesta categoria foram incluídos 10 trabalhos, estudos que apontam os benefícios da equoterapia auxiliando no tratamento de diversas patologias. Buscou-se utilizar pelo menos um estudo sobre determinada patologia, no intuito de abranger diferentes contextos onde se pode ser utilizado a modalidade terapêutica e elencar qual a efetividade em cada contexto.

A Tabela 10 a seguir cita os aspectos metodológicos dos estudos incluídos neste eixo, no campo metodologia observa-se que foram incluídos: estudo de campo (2), levantamento bibliográfico (1), estudo de caso (2), estudo quase experimental (1), estudo experimental (3) e estudo exploratório (1). Os participantes das pesquisas transitaram na quantidade de um a 31 sujeitos e o procedimento predominante foi a observação participante, visto que a maioria dos estudos foram intervenções de equoterapia.

Tabela 10 – Aspectos metodológicos dos estudos incluídos no eixo equoterapia.

Nº do estudo	Metodologia	Participantes	Procedimento
8	Estudo de campo	Três crianças com Síndrome de Down	Observação participante
9	Estudo experimental	6 cavalos habituados com equoterapia	Observação participante
13	Levantamento bibliográfico	-	Pergunta norteadora
14	Estudo de campo	11 portadores de esclerose múltipla	Observação participante
15	Estudo quase experimental	31 crianças com paralisia cerebral	Observação participante
16	Estudo experimental	17 idosos	Observação participante
18	Estudo de caso	Uma criança portadora de seqüela de meningoencefalocèle occipital	Observação participante
21	Estudo exploratório	Cinco crianças com indicativo de TDAH	Observação participante
24	Estudo experimental	10 indivíduos da terceira idade	Observação participante
25	Estudo de caso	Uma criança com Síndrome de Dandy Walker	Observação participante

8) COPETTI et.al., 2007; 9) PEREIRA et.al., 2018; 13) SILVA; GRUBITS, 2004; 14) MENEZES et.al., 2013; 15) STRALING, 2016; 16) ARAUJO et.al., 2011; 18) SANCHES; VASCONCELOS, 2010; 21) BARBOSA; MUNSTER, 2014; 24) TOIGO; JÚNIOR; ÁVILA, 2008; 25) CARLOS; DOMINGUES, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

Em seguida, a Tabela 11 reúne os principais resultados e conclusões dos estudos inclusos neste eixo. A equoterapia foi inserida como um recurso

complementar ao tratamento convencional em que os paciente já estavam engajados, os resultados mostraram-se positivos nos 10 estudos, os mesmos indicaram que houveram ganhos acentuados.

É possível analisar através dos resultados que houveram melhorias após a intervenção de equoterapia na articulação do tornozelo de todos os participantes com Síndrome de Down do estudo de Copetti *et.al.* (2007), entretanto, na articulação do tornozelo não foram obtidas mudanças observáveis. Em se tratando de indivíduos da terceira idade, atualmente a expectativa de vida desta população tem aumentado cada vez mais, frente a esta demanda, considera-se necessário a formulação de condutas terapêuticas gerais voltadas ao idoso, especialmente condutas que atuem na prevenção de quedas, trazendo melhora na estabilidade postural, a equoterapia foi uma proposta que ajudou a alcançar esse objetivo, corroborando para a melhor qualidade de vida dos idosos (ARAUJO *et.al.*, 2011; TOIGO; JÚNIOR; ÁVILA, 2008).

A equoterapia se mostrou eficiente também ao cuidado com pessoas deficientes visuais, trazendo melhoras no relacionamento social do grupo, melhora no equilíbrio e na postura ereta, “os ganhos obtidos no aspecto do equilíbrio são muito importantes para o cego, pois a mobilidade do indivíduo que não possui a visão depende em muito desse sentido, cujo desenvolvimento necessita ser estimulado desde o nascimento” (SILVA; GRUBITS, 2004).

Na esfera da educação, a equoterapia foi um potente recurso aliado à Pedagogia, o contexto diferente da sala de aula fechada e tradicional promove um viés para a aprendizagem de forma mais prazerosa e lúdica, auxilia principalmente aqueles que possuem dificuldades de aprendizagem específica (CARLOS; DOMINGUES, 2015).

O estudo de Barbosa e Munster (2014) evidenciou os benefícios da equoterapia sobre o desenvolvimento psicomotor de crianças com TDAH, todos os participantes apresentaram evolução com a intervenção. Houve aumento médio de 8,6 meses em idade cronológica “a equoterapia consiste em uma intervenção que reúne inúmeros estímulos com ferramentas capazes de influenciar com sucesso diferentes aspectos, por meio da interação com o cavalo, a movimentação tridimensional e o contato com a natureza” (BARBOSA; MUNSTER, 2014).

Tabela 11 – Principais resultados e conclusões dos estudos incluídos no eixo equoterapia.

Nº do estudo	Principais resultados	Conclusões
8	No comportamento angular do andar das crianças com Síndrome de Down houveram alterações positivas e significativas na articulação do tornozelo para todos os sujeitos. Na articulação dos joelhos não houve uma tendência observável, houveram diferenças em momentos distintos	A intervenção de equoterapia foi considerada efetiva para melhora da articulação do tornozelo. Com relação à articulação do joelho, houve pouco efeito
9	Os cavalos que participam da equoterapia devem ser condicionados e treinados e sua saúde deve estar em boa condição	À partir do estudo realizado não foi possível desenvolver um modelo de condicionamento, mais estudos devem ser realizados
13	A equoterapia contribui para a melhora e melhor qualidade de vida nos aspectos psicomotores e sociais de indivíduos portadores de deficiência visual	É importante ressaltar que no caso de indivíduos com cegueira é necessário o seguimento de um programa de atendimento adequado, que atenda a este grupo, pois irá demandar técnicas de intervenção diferentes das outras necessidades especiais
14	Constatou-se que a equoterapia pode melhorar o controle postural de indivíduos portadores de esclerose múltipla	Foi identificado a necessidade de mais estudos na área, visto que são escassos
15	Foi possível evidenciar que melhoras importantes ocorreram aos sujeitos com PA que participaram da intervenção, melhoras no campo funcionalidade de estrutura e função do corpo e qualidade de vida	Os ganhos no controle postural e equilíbrio confirmaram evidências já existentes
16	A frequência de tratamento aplicada foi suficiente como auxílio em menor risco de quedas em idosos	Para maiores resultados pode haver a necessidade de maior frequência no tratamento
18	Ganhos acentuados no equilíbrio e coordenação motora grossa da criança, houve também melhora progressiva na coordenação	Devido à limitação da amostra, se faz necessário mais estudos nesta área, equoterapia aplicada na reabilitação da meningoencefalopatia
21	As funções motoras analisadas neste estudo com crianças com indicativo de TDAH (organização temporal, motricidade fina, esquema corporal, motricidade global, equilíbrio e organização espacial) apresentaram resultados positivos em seu aumento após a intervenção	A equoterapia promove efeitos multifatoriais
24	Indivíduos da terceira idade, mesmo que saudáveis, possuem alterações no equilíbrio. A equoterapia neste estudo demonstrou que auxilia efetivamente o equilíbrio estático, o que reduz o risco de quedas	A equoterapia quando aplicada de maneira adequada e seguindo protocolos de segurança culmina para melhoras na qualidade de vida dos idosos
25	A equoterapia aliada à Pedagogia mostrou-se extremamente eficaz no estudo de caso, as atividades pedagógicas propostas tiveram o apoio da equoterapia como recuso lúdico motivador para a criança, que se sentou mais confiante, com maior autoestima e alegria, possibilitando maior abertura para o aprendizado	A Pedagogia e a equoterapia atuando juntas, se torna uma potente prática personalizada e individualizada, atendendo às demandas de cada um em sua singularidade

8) COPETTI et.al., 2007; 9) PEREIRA et.al., 2018; 13) SILVA; GRUBITS, 2004; 14) MENEZES et.al., 2013; 15) STRALING, 2016; 16) ARAUJO et.al., 2011; 18) SANCHES; VASCONCELOS, 2010; 21) BARBOSA; MUNSTER, 2014; 24) TOIGO; JÚNIOR; ÁVILA, 2008; 25) CARLOS; DOMINGUES, 2015.

Fonte: dados autorais da pesquisa.

8 CONTINUAÇÃO DA APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO - EIXOS TEMÁTICOS

8.1 Bototerapia

Um único estudo abordou o uso do boto-cor-de-rosa como mediador da TAA, apenas este estudo foi encontrado sobre bototerapia nas bases de dados estudadas. Está prática na região possibilita um novo olhar das pessoas para o boto, uma nova percepção, ao ver o animal dócil em contato com crianças e o quanto este contato pode promover uma melhor qualidade de vida para as crianças assistidas, contribui para a conservação dos botos. Nesta modalidade, os participantes não são autorizados a usar alimentos para atrair os botos, não há nenhum tipo de impacto que possa prejudicar a rotina do animal, o tratamento corre em seu habitat natural e ocorre com um número pequeno de pessoas por sessão, no máximo cinco participantes, respeitando um espaço de tempo entre uma sessão e outra, sendo apenas uma sessão por mês (SIQUEIRA, 2016).

Alguns riscos foram identificados nesta modalidade terapêutica, riscos comuns com outras esferas da TAA e AAA, sendo eles físicos como ferimentos e contusões e riscos infectocontagiosos como alergias, uma vez que as sessões acontecem no ambiente do boto. O que demonstra a necessidade de mais estudos na área (SIQUEIRA, 2016).

Apesar de não ter estudos que comprovam cientificamente os benefícios para os pacientes, vários de nossos interlocutores pensam que a bototerapia traz melhorias para a saúde das crianças. Segundo o terapeuta, a bototerapia melhora o condicionamento respiratório, e cardiovascular. Ela relaxa a musculatura rígida principalmente de crianças com PC - paralisia cerebral as quais têm espasticidade o que dificulta sua coordenação motora. Ela também favorece a qualidade do sono e diminui as inquietações de crianças com hiperatividade (SIQUEIRA, 2016, p. 37).

8.1.1 Delfinoterapia

Neste eixo também foi incluído apenas um estudo, que abordou a interação de golfinhos de água salgada como mediadores da TAA. Lopes (2010) ressalta que mais estudos na área são necessários, pesquisas que busquem comparar os tipos de programas de terapia com animais e entender mais profundamente em quais

condições a terapia com golfinhos deve ser realizada. Este tratamento complementar não substituir tratamentos complementares para qualquer necessidade especial, consiste em uma atividade que busca desenvolver maior qualidade de vida e acontece com mais frequência e em mais lugares com relação à bototerapia.

Até a data que o estudo de Lopes (2010) foi realizado, não se encontrava definido quantas sessões são necessárias, por quanto tempo, para quais fins e nem o tipo de metodologia mais adequada para cada necessidade especial. Os benefícios da delfinoterapia são os mesmos da bototerapia, entretanto, em muitos contextos os golfinhos são capturados e mantidos em cativeiros.

Cada vez mais pessoas se opõe à utilização de golfinhos em cativeiro, devido a questões éticas e ecológicas. A DT em águas livres existe e precisa ser considerada, reconhecida e avaliada como uma alternativa ao cativeiro. Mas também no habitat natural dos golfinhos se colocam questões éticas relativamente à DT, tanto para a segurança do participante, como para a forma como se deve conduzir a terapia em águas livres respeitando os comportamentos e o habitat natural destes mamíferos aquáticos (LOPES, 2010, p. 92).

É importante ressaltar que todo este dilema ético resulta na necessidade de reformular a ideia de que a DT pode ser um recurso adequado para ajudar o ser humano, frente aos impactos que pode causar aos golfinhos, uma vez que existem outras inúmeras práticas que atendem às mesmas necessidades sem trazer prejuízos aos animais (LOPES, 2010).

8.1.2 Ictioterapia

No último eixo temático também foi incluído apenas um trabalho, finalizando os três eixos com apenas um trabalho incluído, pois são modalidades menos usuais em comparação à terapias mediadas por cães ou cavalos. Este consistiu em um estudo de caso, que demonstrou avanços acentuados após a aplicação da ictioterapia (tratamento realizado com a pessoa submersa na água com peixes de água doce, os peixes se alimentam das escamas da pele) o estudo de caso relata a experiência de um participante com diagnóstico de psoríase.

O tratamento convencional da doença na pele psoríase com medicamentos específicos pode causar muitos efeitos colaterais graves, o que faz com que a pessoa em tratamento precise muitas vezes parar de tomar os medicamentos, resultando no aumento das escamações e manchas na pele. Frente a este quadro, a ictioterapia entra como um tratamento que pode ajudar sem causar efeitos colaterais, os peixes

atuam alimentando-se da pele que está descamando, sem afetar a pele saudável, o que leva a uma redução significativa das escamas. A ictioterapia trouxe benefícios físicos, psicológicos e emocionais, pois conseguiu resgatar a esperança de um tratamento eficiente sem efeitos colaterais. Entretanto, salientam a importância do aprofundamento científico na área, uma vez que a terapêutica pode envolver riscos de infecções em humanos (CABRAL; CARNEIRO, 2014).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contribuiu para compreender de que forma a utilização de animais de diferentes espécies, em diferentes contextos, pode ser mediadora de bem-estar a maior qualidade de vida aos assistidos. Através de um levantamento bibliográfico do período de 2000 a 2020, com exceção de um livro clássico de Nise da Silveira de 1998 e outro clássico escrito por Valdemar Augusto Angerami Camon do ano de 1996.

Todos os 35 trabalhos inseridos que versam sobre a TAA e a AAA foram apresentados por meio de oito eixos temáticos e foram elencados em tabelas com planejamento estratégico para melhor visualização dos componentes mais importantes. Os resultados foram discutidos a partir das informações principais de cada trabalho, constatou-se que a maior proporção dos estudos inseridos foram de trabalhos de campo com observação participante, uma vez que o objetivo deste estudo é avaliar fatores positivos e negativos implicados nas intervenções mediadas por animais co-terapeutas.

Dentre os oito eixos, um ficou em destaque: TAA e hospitalização com 13 trabalhos inseridos, este resultado se dá devido ao objetivo de pesquisa proposto e devido a utilização de cães ser mais frequente, diferentemente de outras espécies que são pouco utilizadas como gatos, botos, golfinhos ou peixes. Trabalhos e artigos que versem sobre a utilização de animais mais exóticos são mais difíceis de serem encontrados, os mais comuns são cães e cavalos. Poucos estudos discutiram sobre os fatores de risco envolvidos na aplicação de TAA e AAA, uma vez que os mesmos são baixos, mas todos levantaram benefícios acentuados em várias esferas.

Foi possível identificar que as modalidades terapêuticas devem ser aplicadas somente a partir de protocolos padronizados de segurança. Através de estudos foram apontados ganhos quanto a quebra da rotina hospitalar, auxílio nas relações interpessoais, ajuda no desenvolvimento da fala e em habilidades motoras, propicia maior adesão e engajamento ao processo de recuperação, fornece maior capacidade de resiliência, redução do estresse, da sensação de solidão e da dor. A interação com o animal estimula o aumento da produção do hormônio endorfina, ajudando na diminuição dos efeitos da depressão, da percepção de dor e diminuição da ansiedade.

A utilização deste recurso terapêutico não é indicada para pessoas que possuam medo ou trauma de animais, que tenham feridas expostas, alergias,

problema de respiração e baixa resistência. A aplicação também é contraindicada a pessoas que possuam comportamento agressivo que possa causar danos aos animais. Com relação aos riscos envolvidos na TAA e AAA, pode-se concluir que existe o risco de transmissão de infecções, desencadear alergias, risco de zoonoses que são doenças que podem ser transmitidas de animais para humanos ou de humanos para animais.

Por este motivo, a Lei nº 16.827 do estado de São Paulo é bastante clara ao permitir a entrada de animais dentro de hospitais somente à partir de normas estabelecidas, os animais devem estar muito bem higienizados, com vacinação em dia e sua boa saúde deve ser comprovada através de laudo veterinário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A.; NASCIMENTO, A. A.; DUARTE, A. M. Terapia assistida por animais: a experiência dos enfermeiros com o uso desta prática em um hospital oncológico. **Atas - Investigação Qualitativa em Saúde**, [s.l.], v. 2, p. 738-747, 06 jul. 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/818/804>. Acesso em: 18 maio 2020.

ARAUJO, T. B. *et al.* Effect of equine-assisted therapy on the postural balance of the elderly. **Brazilian Journal Of Physical Therapy**, [s.l.], v. 15, n. 5, p. 414-419, out. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-35552011005000027>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552011000500012&lng=en&tlng=en#?. Acesso em: 18 maio 2020.

BADALO, C. A. O. **O papel do cão guia como facilitador da inclusão da pessoa cega na sociedade**: mobilidade, segurança, interação social e qualidade de vida. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Reabilitação, na Especialidade de Deficiência Visual, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7312/1/Carla_Tese_Final%c3%adssi%20ma.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

BAPTISTA, B. O. *et al.* A sobrecarga do familiar cuidador no âmbito domiciliar: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [s.l.], v. 33, n. 1, p. 147-156, mar. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1983-14472012000100020>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472012000100020&script=sci_arttext. Acesso em: 18 maio 2020.

BARBOSA, G. O.; VAN MUNSTER, M. A. O efeito de um programa de equoterapia no desenvolvimento psicomotor de crianças com indicativos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 69-84, mar. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382014000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n1/a06v20n1.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUSSOTTI, E. A. *et al.* Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro?. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [s.l.], v. 39, n. 2, p. 195-201, jun. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342005000200010>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342005000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 18 maio 2020.

CABRAL, H.; CARNEIRO, J. O papel da ictioterapia no tratamento da psoríase: relato de caso. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, Lisboa, v. 30, n. 6, p. 402-405, 08 dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpmgf/v30n6/v30n6a09.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

CAETANO, E. C. S. **As contribuições da TAA - terapia assistida por animais à psicologia.** 2010. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, Criciúma, 2010. Disponível em: <https://silو.tips/download/as-contribuioes-da-taa-terapia-assistida-por-animais-a-psicologia>. Acesso em: 18 maio 2020.

CAMPOS NETO, A. A. M. O hinduísmo, o direito hindu, o direito indiano. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, [s.l.], v. 104, p. 71-111, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rfdusp/article/view/67850/70458>. Acesso em: 18 maio 2020.

CAMON, V. A. A. Manifestações psíquicas e comportamentais. In: **E a psicologia entrou no hospital.** São Paulo: Pioneira, 1996. cap. 9. p. 43-50.

CARLOS, L. C. M.; DOMINGUES, C. C. Pedagogia aliada à equoterapia: união capaz de produzir conquistas no processo de aprendizagem. **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, Campos dos Goytacazes, v. 5, p. 36-44, 2015. Disponível em: <http://eds.b.ebscohost.com/eds/detail/detail?vid=1&sid=6ea400ca-4040-4a2a-b9ba-e2bfcdbf30e4%40sessionmgr101&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2I0ZT1IZHMtbGI2ZS ZzY29wZT1zaXRl#db=edsdoj&AN=edsdoj.fe177d09723b4d9994356a5976d1874d>. Acesso em: 18 maio 2020.

CASTRO, L. P. **Terapia assistida por animais como recurso terapêutico no atendimento a crianças enlutadas.** 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-Sp, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15031>. Acesso em: 18 maio 2020.

CHELINI, M. O. M.; OTTA, E. **Terapia assistida por animais.** São Paulo: Manole, 2016.

COPETTI, F. *et al.* Angular kinematics of the gait of children with Down's syndrome after intervention with hippotherapy. **Brazilian Journal Of Physical Therapy**, [s.l.], p. 503-507, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-35552007000600013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n6/v11n6a13.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

CRIPPA, A.; FEIJÓ, A. G. S. Atividade assistida por animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes: a busca por evidências científicas. **Revista Latinoamericana de Bioética**, Bogotá, v. 14, n. 1, p. 14-25, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlb/v14n1/v14n1a02.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

GARCIA, M. P.; BOTOMÉ, S. P. Da domesticação à terapia: o uso de animais para fins terapêuticos. **Interação em Psicologia**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 165-167, 30 jun. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v12i1.9676>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/9676/9219>. Acesso em: 18 maio 2020.

GARCIA, M. P. **Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães.** 2009. 362 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92255/266260.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 maio 2020.

GOMES, G. L. L.; FERNANDES, M. G. M.; NÓBREGA, M. M.L. Ansiedade da hospitalização em crianças: análise conceitual. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 69, n. 5, p. 940-945, out. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0116>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000500940&lang=pt. Acesso em: 18 maio 2020.

ICHITANI, T.; CUNHA, M. C. Animal-assisted activity and pain sensation in hospitalized children and adolescents. **Revista Dor**, [s.l.], v. 17, n. 4, p. 270-273, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1806-0013.20160087>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-00132016000400270&lng=en&tlng=en#?. Acesso em: 18 maio 2020.

KAWAKAMI, C. H.; NAKANO, C. K. **Relato de experiência:** terapia assistida por animais (taa) - mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro. 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000052002000100009&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 18 maio 2020.

KOBAYASHI, C. T. *et al.* Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 62, n. 4, p. 632-636, ago. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672009000400024>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000400024&lang=pt. Acesso em: 18 maio 2020.

LACERDA, J. R. **Efeitos da participação de um cão em sessões de terapia sobre o comportamento social de crianças com autismo.** 2014. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-27112014-104849/publico/lacerda_me.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

LEMONS, R. C. A.; ROSSI, L. A. O significado cultural atribuído ao centro de terapia intensiva por clientes e seus familiares: um elo entre a beira do abismo e a liberdade. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 345-357, jun. 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-11692002000300009>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692002000300009&script=sci_arttext. Acesso em: 18 maio 2020.

LOPES, E. **Delfinoterapia e necessidades especiais.** 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Atividade Física Adaptada, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/99185>. Acesso em: 18 maio 2020.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Pearson, 2012. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/3063/pdf/0?code=T/ZnjNMgGOtOOaJAO3GKpfyT0NCsYgDFBnuEcolHVVJo9zwhbMFuSQYkAwfTpH5hX0aiYx8S8mgISEzoJCDVzg==>. Acesso em: 18 maio 2020.

MELO, L. F. B. Algumas considerações sobre a natureza, o sagrado e o homem. **Revista Relicário**, [s.l.], v. 11, n. 6, p. 29-47, 2019. Disponível em: <https://www.revistarelicario.museudeartesaacrauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/117/102>. Acesso em: 18 maio 2020.

MENEZES, K. M. *et al.* Efeito da equoterapia na estabilidade postural de portadores de esclerose múltipla: estudo preliminar. **Fisioterapia e Pesquisa**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 43-49, mar. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1809-29502013000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fp/v20n1/08.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

MONTEIRO, M. *et al.* Meningoencefalocèle transesfenoidal transpalatina. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, [s.l.], v. 64, n. 3, p. 624-627, set. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0004-282x2006000400020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anp/v64n3a/a20v643a.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

MOREIRA, R. L. *et al.* Terapia assistida com cães em pediatria oncológica: percepção de pais e enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 69, n. 6, p. 1188-1194, dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0243>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672016000601188&lng=en&tlng=en#?. Acesso em: 18 maio 2020.

MUÑOZ, P. O. L. **Terapia assistida por animais** - interação entre cães e crianças autistas. 2014. 85 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-11122014-101527/publico/munoz_me.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

OLIVEIRA, G. F.; DANTAS, F. D. C.; FONSÊCA, P. N. O impacto da hospitalização em crianças de 1 a 5 anos de idade. **Revista da SBPH**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 37-54, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582004000200005&lng=en&tlng=en#?. Acesso em: 18 maio 2020.

ORIÁ, M. O. B.; MORAES, L. M. P.; VICTOR, J. F. A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Ceará, v. 6, n. 2, p. 292-297, 31 ago. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/808/922>. Acesso em: 18 maio 2020.

PEREIRA, M. J. F.; PEREIRA, L.; FERREIRA, M. L. Os benefícios da terapia assistida por animais: uma revisão bibliográfica. **Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 4, n. 14, p. 62-66, 02 jan. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/842/84201407.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

PEREIRA, R. V. G. *et al.* Condicionamento do cavalo para sua manutenção na equoterapia. **Pubvet**, [s.l.], v. 12, n. 6, p. 1-5, jun. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22256/pubvet.v12n6a106.1-5>. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/4802/condicionamento-do-cavalo-para-sua-manutenccedilatildeo-na-equoterapia>. Acesso em: 18 maio 2020.

QUEIROS, J. S. C. Treinos para socialização de filhotes de gato doméstico (*felis silvestris catus*): um projeto para ongs de proteção animal. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do Crmv-Sp**, São João da Boa Vista, v. 15, n. 3, p. 66-67, 01 mar. 2017. Disponível em: <https://revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/37653>. Acesso em: 18 maio 2020.

REGADO, B. **Cães de alerta e doentes com epilepsia**. 2008. 56 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Ciências da Saúde, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/858/1/C%c3%a3es%20de%20alerta%20e%20Doentes%20com%20epilepsia%20-%20Bruna%20Regado.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

ROCHA, R. C. **Visita de animal de estimação**: proposta de atividade terapêutica assistida por animais a pacientes internados em hospital psicológico. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15454/1/Regina%20Celia%20Rocha.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

RODRIGUES, A. C. **Atividade assistida por cães** - intervenção para integração socioafetiva "au-au"tismo. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade de Fortaleza - Unifor, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://uol.unifor.br/oul/conteudosite/F10663420161212160731055884/Dissertacao.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

ROSSATO, A. L.; BOER, N. O impacto emocional da hospitalização em crianças de seis a dez anos. **Revista Eletrônica Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 3, n. 1, p. 145-164, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/863/806>. Acesso em: 18 maio 2020.

ROVARIS, J. D. L.; LEONEL, W. H. S. Terapia assistida por animais no auxílio ao processo educacional de crianças com deficiência intelectual. **Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, [s.l.], v. 23, n. 2, p. 341, 28 dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/1516-2664.2018v23n2p341-357>. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/6575/3336>. Acesso em: 18 maio 2020.

SANCHES, S. M. N.; VASCONCELOS, L. A. Paula. Equoterapia na reabilitação da meningoencefalopatia: estudo de caso. **Fisioterapia e Pesquisa**, [s.l.], v. 17, n. 4, p. 358-361, dez. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1809-29502010000400014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fp/v17n4/14.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVA, D. P. **Canis familiaris**: aspectos da domesticação (origem, conceitos, hipóteses). 2011. 46 f. Monografia (Especialização) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Brasília - Faculdade de Agronomia e Veterinária, Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3053/1/2011_DaniloPereiradaSilva.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVEIRA, I. R.; SANTOS, N. C.; LINHARES, D. R. Protocolo do Programa de Assistência Auxiliada por Animais no Hospital Universitário. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [s.l.], v. 45, n. 1, p. 283-288, mar. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0080-62342011000100040>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000100040&lang=pt. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVEIRA, N. **Gatos, a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1998.

SIQUEIRA, T. B. **Impactos socioambientais da terapia assistida com o boto-cor-de-rosa (*inia geoffrensis*) no município de Iranduba – Am.** 2016. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5892/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20%20-%20Vers%c3%a3o%20Final%20GM%2003072017.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

STARLING, J. M. P. **Efeitos da equoterapia no controle postural, equilíbrio, função motora grossa e qualidade de vida de crianças e jovens com paralisia cerebral**. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Reabilitação, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/ufmg, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-ADSKBA>. Acesso em: 18 maio 2020.

TOIGO, T.; LEAL JÚNIOR, E. C. P.; ÁVILA, S. N. O uso da equoterapia como recurso terapêutico para melhora do equilíbrio estático em indivíduos da terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 391-403, dez. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2008.11038>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232008000300391&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 18 maio 2020.

VACCARI, A. M. H.; ALMEIDA, F. A. **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas**. 2007. 6 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem/psicologia, à Faculdade de Enfermagem do Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo (SP), São Paulo, 2007. Disponível em: http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/419-Einstein5-2_Online_AO419_pg111-116.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

VIVALDINI, V. H. **Terapia assistida por animais: uma abordagem lúdica em reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual**. 2011. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1462/1/Viviane%20Heredia%20Vivaldini.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.